

# A ILLUSTRAÇÃO

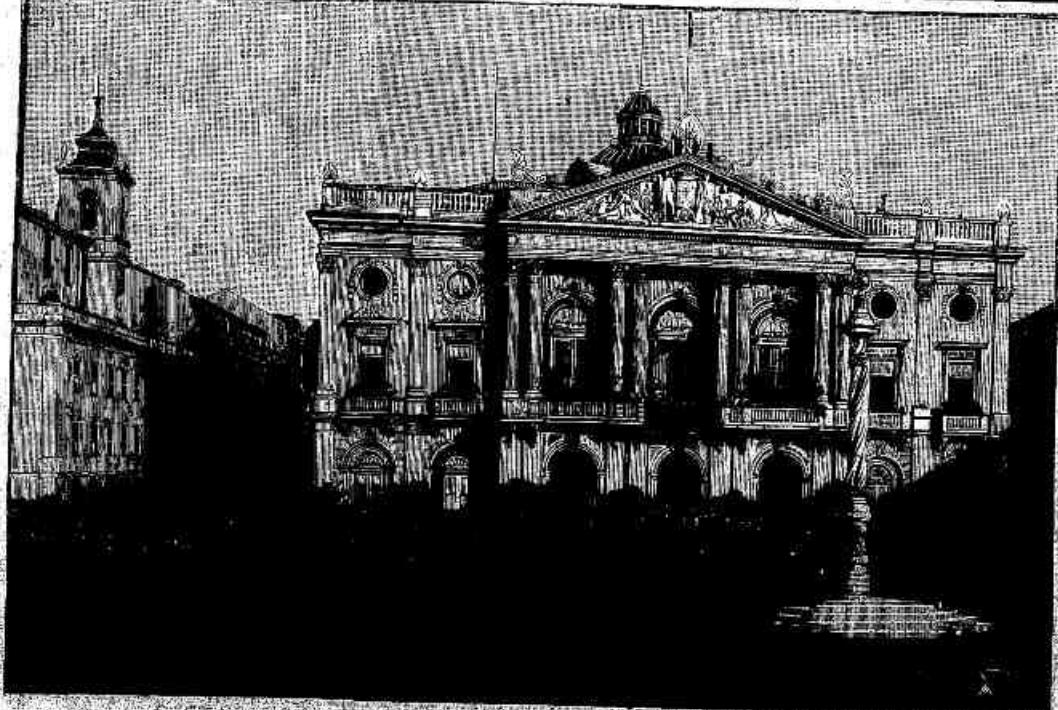
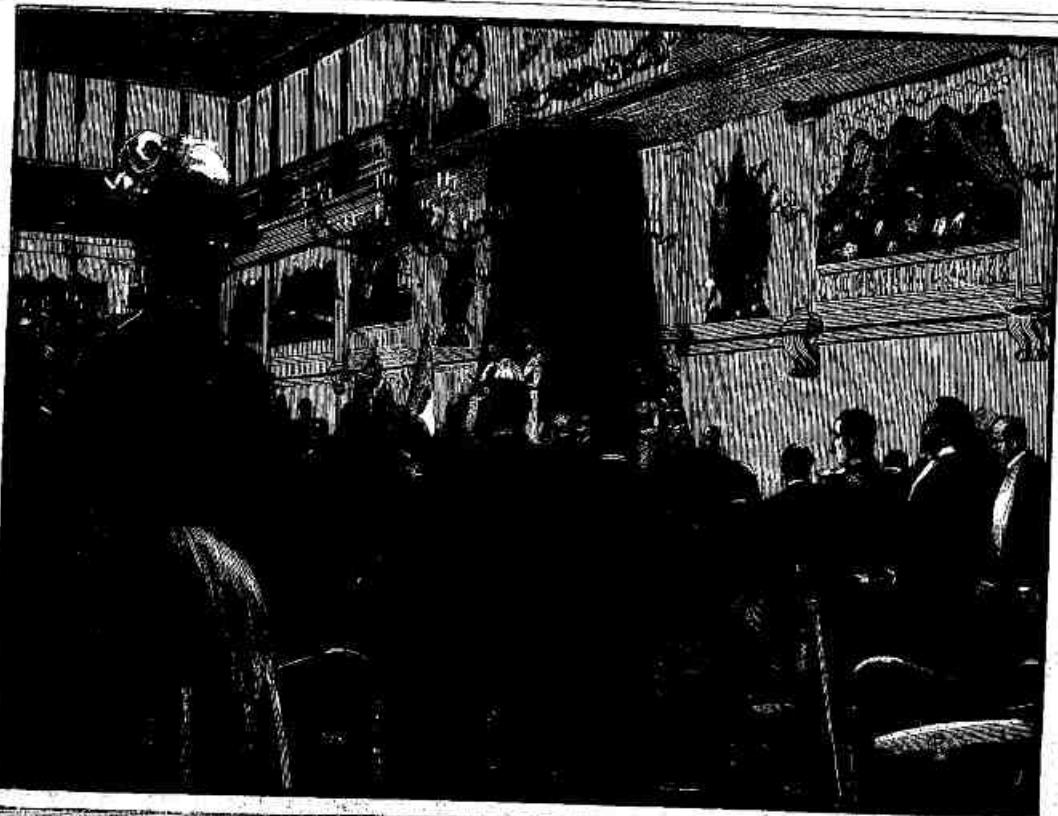
DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

Anno VII. — N.º 2.

PARIS, 20 DE JANEIRO DE 1890

Excripto das *Esquisses* em Paris, 13, Quai Voltaire.

100 réis cada numero.



1. A sala das Corts durante a cerimónia de encerramento. — 2. Chegada do comboio ao palácio do Comercio.

LISBOA. — A ACCLAMAÇÃO DE S. M. EL-Rei o sr. D. CARLOS I.



## CHRONICA

**O**S jornaes portuguezes andaram tão ocupados com as festas da acclamação, com a abertura das cortes, com as questões brasileiras e com as questões africanas, que nenhum d'elles se lembrou de prestar um momento de atenção para uma pequena, mas terrível noticia, que apareceu no dia 4 de Janeiro nas colunias do *Diário Popular*. Eis o que se lia na fulha Lisbonense, transcripto dos jornaes transmuntanos:

« E' extraordinario o numero de familias que, arrastadas pela fome e pela miseria, abandonam os patrios lares para procurarem no Brazil a felicidade que aqui não encontram. A nossa província está pobrissima e carece por isso d'um grande auxilio do governo. Que ao menos provisoriamente se nicipem esses centenares de braços na construção de estradas, que tão necessarias se tornam entre nós. Ha dílas estavam, segundo nos referiam, na estação do caminho de ferro de Mirandela perto de 20 familias completas que se destinavam aos portos do Brazil. Homens e mulheres, velhos e creanças, todos chorando, abandonavam a patria que lhes não dava já o necessário alimento! »

Ora parece-me que o assunto merece ser discutido largamente, e que é mais digno d'um *artigo de fundo*, do que o modo como está sendo dirigida a empreza do theatro de *São Carlos*, ou do que o efeito que produzem no largo do Rocio as famosas *fontes monumentaes*, devidas ao gosto decorativo do sr. Fuschini.

Meu Deus! a razão porque o theatro de *São Carlos* é tão mal dirigido, é simples de achar. Ou esse theatro é realmente um estabelecimento do Estado, ou não é. Se é, se é o tesouro, se é o contribuinte quem tem de pagar o divertimento favorito da corte, que se ponha a direcção d'esse theatro a concursar; que se abra concurso para directores de opera como se abre concurso para consules, ou para delegados do procurador régio, ou para professores; e que se d' a direcção de *São Carlos* ao individuo que mostrou maiores aptidões theatraes.

Desde já apresento a minha candidatura, atendendo a que me não parece difícil, por pouco que conheço de theatros, suceder ao sr. Fuschini, que eu creio ser um optimo engenheiro, mas um desastre director.

Se o theatro não é do Estado, se o Estado não deseja tomar todas as responsabilidades, então suprimam-lhe o imoralissimo subsidio, e deixem que as emprezas particulares tratem de descobrir atractivos para que a sala se encha.

Se não aparecerem para esta combinação de « *São Carlos* sem subsidio » emprezas nacionaes, não faltariam emprezarios franceses ou italianos. Basta ceder-lhes de graça o edificio, e assegur-lhes que o theatro continuará sendo o preferido da corte para os *recitas de gala*, e eu lhes prometto que não faltariam concorrentes.

Sómente, o theatro de *São Carlos* nunca ha de ser senão o que elle foi hontem, e o que elle hoje ainda é — um rico nicho de minha alma! Convém que seja sempre assim — trastulhada meio oficial, meio particular — que fôs todos conhecemos e supportamos, para os governos anicharem amigos sem meritos para outros nichos de maior responsabilidade publica.

Em Arte nem se falla... Quando aparecem cantores portuguezes como os irmãos Andrade, aplaudidos por publicos que eu ouso julgar tão esclarecidos como o nosso, atendendo a que não vejo onde está a diferença entre um enten-

dido de *São Carlos* e um entendido de *Covent-Garden*, — o primeiro cuidado patrioico da direcção é pôr os de lá para fôr, e dar-lhes rendidamente com as portas na cara. Ora os atrevidos! como se *São Carlos* tivesse subsidio para animar e applaudir artistas nacionaes! Querem comer?... Que o ganhem no estrangeiro!

Quando aparece um compositor portuguez, é preciso que esse curioso mortal possua por acaso varios contos de réis, como o sr. Alfredo Keil, para gastar com a *mise-en-scène* da sua opera. O que é deveras animador para futuros compositores que não tenham por acaso o aposito um pau millionario.

E no que diz respeito a contas, entre a Emprêsa e o Governo, essas contas nunca ninguem as viu detalhadamente, como nunca ninguem viu as contas do que custou ao Thesouro a famosa Exposição comicó-indigena, organizada na Avenida, por Sua Insignificancia, o visconde de Meliceto...

E enquanto os subsidios vão e vêm e os jornaes discutem *São Carlos*, — as nossas províncias vão-se despovoando; homens, mulheres e creanças perseguidos pela Fome vão a caminho do Brazil!...

Mas quem é hoje em dia que se importa com os que sofrem; com os que não tem de comer; com os que vivem miseravelmente por essas aldeias e por esses campos; com os que precisam ir procurar n'um paiz longíquo o pão e o trabalho que o seu paiz lhes nega?... Sofrem?... Têm fome?... Que temos nós com isso?... Desembulhem-se da vida!... Jogueu na alta ou na baixa dos fundos; inventem syndicatos; peçam concessões de terrenos na Africa; arranjam um commissario para virem estudar pombos correios a Paris, ou para fingir que copiam cartas de D. Afonso VI na Biblioteca Nacional de França!...

Outro genero de trabalho não ha, já não é da moda... Não sabem senão cavar, ou britar pedra, ou lavrar campos, ou trabalhar em officinas?... Pois meninos, aguentem-se no balanço, ou saem-se para o Brazil! E adeus, que temos de ir ver as fontes do Rocio!...

As bellas *fontes monumentaes* do Rocio! — uma ideia que eu creio acudio ao cerebro do sr. Fuschini, quando pela primeira vez, ha dois annos, pôz o pé na praça da Concordia. Como eu também ardo em desejos de as ver e de as admirar, essas duas *fontes monumentaes* agora metidas a cunha n'uma praça que já era suficientemente ornamentada para as suas acanhadas dimensões, com a estatua do Dador, as arvores, os kiosques dos jornaes, os *bancos*, os... sumidouros monumentaes, os carros de aluguer, as sextinellas, as guerrias, os *americanos* e os *rippers*...

Porque processos mechanicos ou divinos foi o sr. Fuschini capaz de introduzir *duas fontes monumentaes*, a setco (porque segundo afirmam os periodicos, não ha agua bastante em Lisboa para que as fontes possam verter ou espirrar) — n'uma praça onde já não era facil duas pessoas passarem de braço dado, e muito menos duas pessoas alterarem com gestos desmedidos?...

O sr. Fuschini ha de permitir-me que eu lhe diga, mesmo antes de o ter visto, que o seu Rocio deve estar horreroso com essas duas fontes, parodiadas da praça da Concordia.

E mais ha de permitir que eu lhe diga, com tudo o respeito e sympathia que o sr. Fuschini me merece, que a Camara de Lisboa dará cabo em poucos annos da physionomia da capital, com a sua mania de querer mapear a capital francesa, de querer fazer de Lisboa um « pequeno Paris. »

Por acaso a cidade de Paris pensa um instant em parodiar Londres, ou vice-versa? Por acaso Amsterdam, para ter um tamânto encanto e ta-

manha originalidade, parodiou as architecturas ou as decorações de qualquer capital? Por acaso algum parque de Londres se parece com algum jardim ou bosque de Paris?...

Não é com fontes ou com kiosques segundo o estilo frances, que Lisboa virá a ser uma linda cidade. O que é preciso, é que a Camara olhe para os montes da capital e os arborise; para os predios e os manda cair; para os telhados e os manda limpar; para as ruas e as manda lavar e varrer. E de cada vez que se sobe a São Pedro d'Alcantara, e se admira um tão bello panorama, não vejamos uma cidade de casas sujas e poeirantes, com fraldas e rodilhas a seccarem pelas janelas...

Mais arvores, mais cal, mais agua, mais vasoura e mais posturas, — e menos fontes, menos... sumidouros e menos kiosques!

E se for possível, tambem um olhar de piedade para estes homens, essas mulheres, essas creanças, para todos esses portuguezes que tem tanto direito à vida como eu, ou o sr. Fuschini, e que, perseguidos pela Fome, deixam a patria e vão procurar pão para longe d'ella...

Bons e infelizes portuguezes! que supportam a miseria, a Fome, sem queixumes, sem revoltas, sem um protesto, sem uma ameaça!...

Bons infelizes portuguezes! que partem chorando, para outros paizes, sabendo sofrer a desgraça, resignados, sem um odio, sem uma blasphemia, — sem uma d'estas revoltas dos miseráveis de França, de Inglaterra, da Belgica e da Alemanha que, quando a fome os persegue, assaltam as lojas, pilham as casas e largam fogo aos palacios...

Tenham um olhar de piedade para essas bôas e santas almas!... E se quizerem, facilmente encontrarão nos 5000 contos que todos os annos nos custa um exercito de opereta, com que acudir à Fome que se alastrá pelas nossas províncias do norte.

MARIANO PINA.

## ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

### BARCA BELLA.

*Pescador da barca bella,*  
*Onde vás pescar com ella,*  
*Que é tam bella,*  
*Oh pescador?*

*Não vés que a ultima estrela-*  
*No céu nublado se vela?*  
*Cothe a vela,*  
*Oh pescador!*

*Deita o lanco com cautella,*  
*Que a sereia canta bella...*  
*Mas cautella,*  
*Oh pescador!*

*Não se inrede a rede n'ella,*  
*Que perdido é remo e vela*  
*Só de vela,*  
*Oh pescador.*

*Pescador da barca bella*  
*Inda é tempo, foge d'ella,*  
*Foge d'ella*  
*Oh pescador!*

GARRET.

Com o presente numero é distribuído a todos os nossos assinantes o frontispicio e índice do VOLUME VI-1889, que finalizou com o numero 24 do 30 de dezembro de 1889, da ILLUSTRAÇÃO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

## Recordações da Exposição de Paris

**A**TERRÍVEL actualidade não nos invade agora do mesmo modo que nos numeros precedentes, e a ILLUSTRAÇÃO pode hoje conduzir os seus leitores de Portugal e do Brasil através as belas recordações da grande Exposição de Paris...

Grande e bem grande na verdade; e quanto mais d'ella nos afastarmos, mais nos surpreende a lembrança das maravilhas e dos prodígios aglomerados no Campo de Marte e na explanada dos Inválidos; e quanto mais a recordarmos, mais vemos que os seus efeitos foram prodigiosos em toda a Europa, e que não é a França, a França trabalhadora e genial que suspira pela guerra, — mas sim esses países armados até os dentes, que querem ser grandes pela força dos seus caixões e dos seus corações. E enquanto a Alemanha e a Inglaterra nada nos mostram que possa interessar e emocionar o espírito humano; — do lado da França, do coração d'este Paris todos os dias surgem os mais variados acontecimentos, que são o encanto do nosso espírito e a quietação feliz da nossa alma.

E por isso que a França, apesar das suas campanhas políticas, apesar da luta dos partidos, das guerras a que estão sempre expostas as suas instituições, — sobrevenida, e irradia sobre todo o mundo, como único farol para onde voltam os olhos avidos de luz, todos os corações e todos os espíritos...



PAVILHÃO DA REPÚBLICA DOMINICANA.

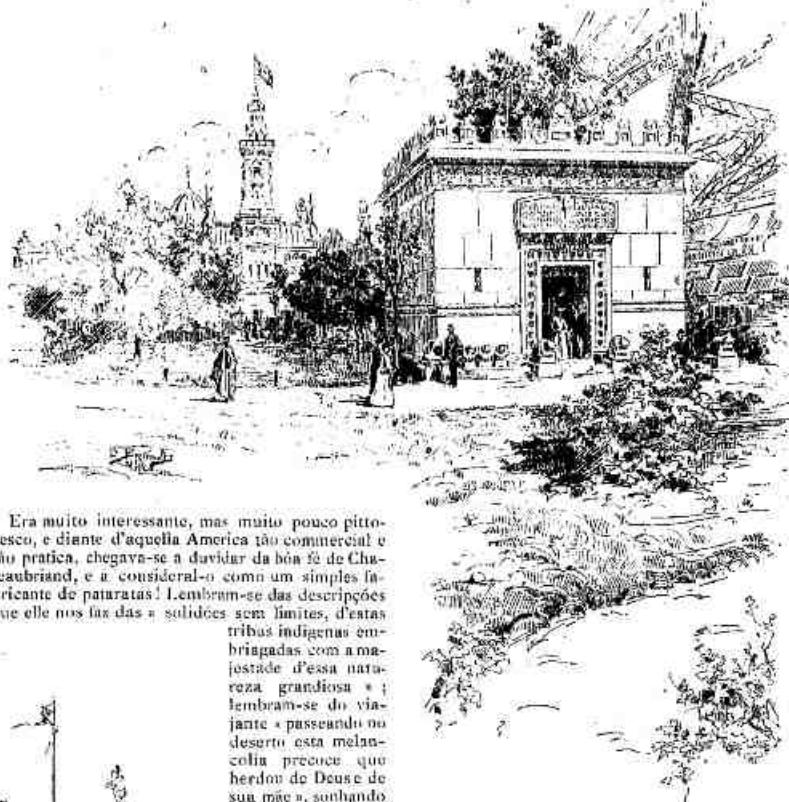
E esta superioridade moral sobre todos os outros países que ninguém, por mais que tente, é capaz de lhe tirar ou de lhe diminuir. E foi esta superioridade que a França mais uma vez afirmou durante todo o anno que acaba de morrer, apesar da guerra feita à Exposição pela ridícula gressa das monarquias europeias, e especialmente pela política alemã, italiana e austriaca. Como se hoje em dia a opinião de um governo significasse alguma coisa, quando tem contra si a opinião pública do seu paiz...

Passamos hoje em revista todos os pavilhões que se construiram no Campo de Marte, — todos aqueles que os nossos leitores ainda não viram nas páginas da nossa revista.

Vemos o pavilhão da República Dominicana, — o pavilhão da república do Equador, — o pavilhão da república do Paraguai, — o pavilhão da república de São Salvador, — o pavilhão da república do Uruguai, — o pavilhão da república da Guatemala: toda a série, finalmente, dos pavilhões da América do Sul.

Lá dentro todos estes pavilhões se pareciam uns com os outros; as riquezas do solo americano são d'uma monotonia desesperadora: pélles, madeiras, lias, e sempre pélles, sempre madeiras, sempre lias...

Mas o que triunhava em toda esta América do Campo de Marte, era a lata de conservas. Conservas de carne, em pás, em latas, em frascos; conservas de legumes, de frutos, de molhos, de caldos, de temperos; por toda a parte conservas em colunas, em arcadas, ou então a inevitável pyramide de latas e mais latas...



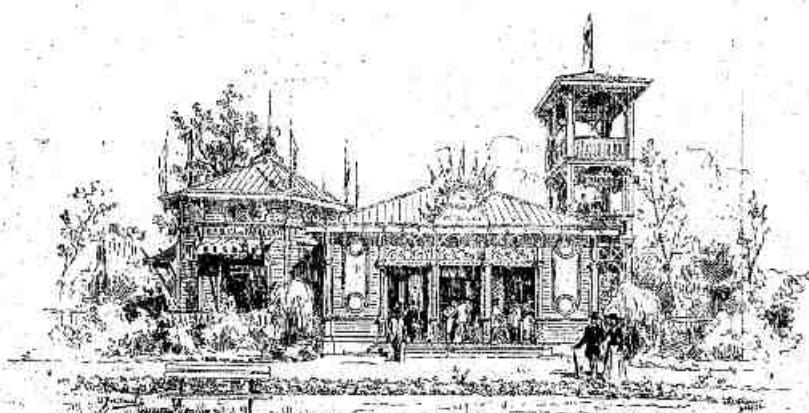
PAVILHÃO DA REPÚBLICA DO EQUADOR.

Era muito interessante, mas muito pouco pitoresco, e diante d'aqueila América tão comercial e tão prática, chegava-se a duvidar da boa fé de Chateaubriand, e a considerá-lo como um simples fabricante de paturatas! Lembram-se das descrições que elle nos faz das « solidões sem limites, d'estas tribus indígenas embriagadas com a majestade d'essa natureza grandiosa »; lembram-se do viajante « passeando no deserto esta melancolia precoce que herdou de Deus de sua mãe », sonhando com a epopeia da vida selvagem, o idílio das raças primitivas; lembram-se dos *Natchez*, de *René* e de *Atala*... Pois imaginem agora todos essas fantasias poéticas e essas cenas adoráveis n'um cenário de polos cortidados, de madeiras serradas e de latas de conservas, — e terão assim uma ideia da moderna América de Chateaubriand!

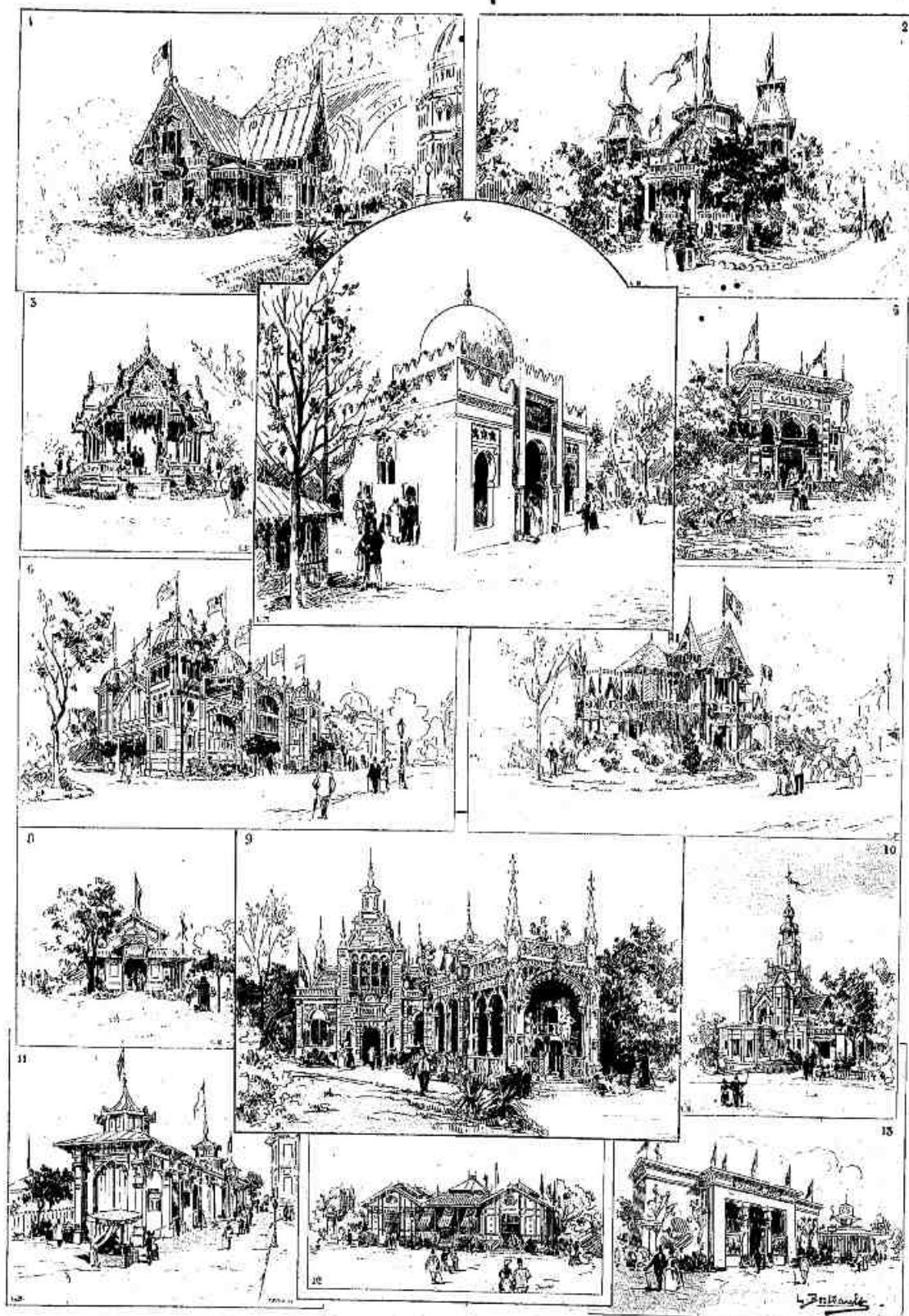
Lancemos um derradeiro olhar para o elegante pavilhão da Noruega, todo feito de pinho envernizado, executado no paiz, e trazido em peças para o Campo de Marte, onde foi armado. Era assim que Bordallo Pinheiro tinha querido fazer o nosso pavilhão português, com pinho e outras madeiras

nacionais. Mas quando Bordallo chegou a Paris já Melicio, o imenso, o prodigioso, o insignificante simo Melicio havia feito todos os seus contratos, e Bordallo e toda a comissão portuguesa tiveram de se sujeitar ao tal pavilhão *Luis XV portugues*, com que Melicio arruinou o subsídio do governo português... Mas soceguem, leitores, que ainda o havemos de ver ministro de Portugal, para glória d'este fim de século em que nos debatemos...

Olhemos para o pavilhão Toché, onde havia uma notável exposição de aquarellas, — assumptos para tapeçarias e para pinturas decorativas. Não esqueçamos o pavilhão do globo terrestre, globo colossal dentro d'uma escada em serpentina, para assim o público poder ver a Terra, desde o polo norte até ao polo sul. A carcassa d'este globo que vai ser colocado n'um jardim de Paris, é de ferro, coberta de 580 painéis de cartão pastel, sobre os quais

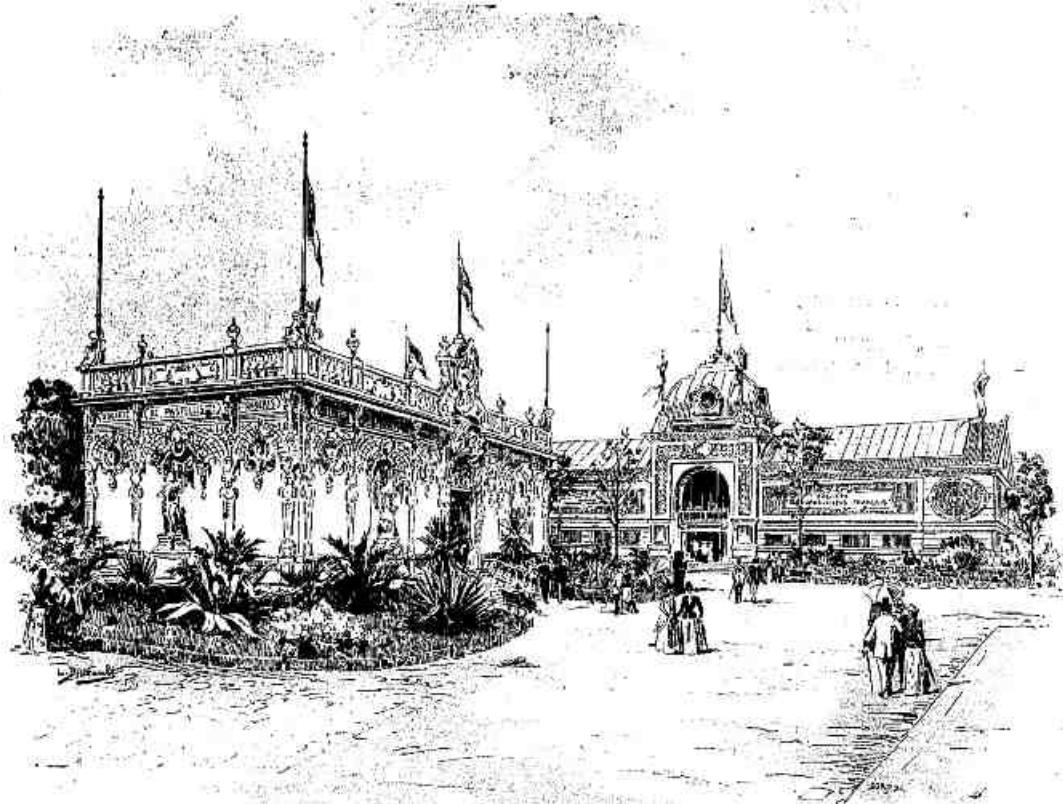


PAVILHÃO DO PARAGUAY.

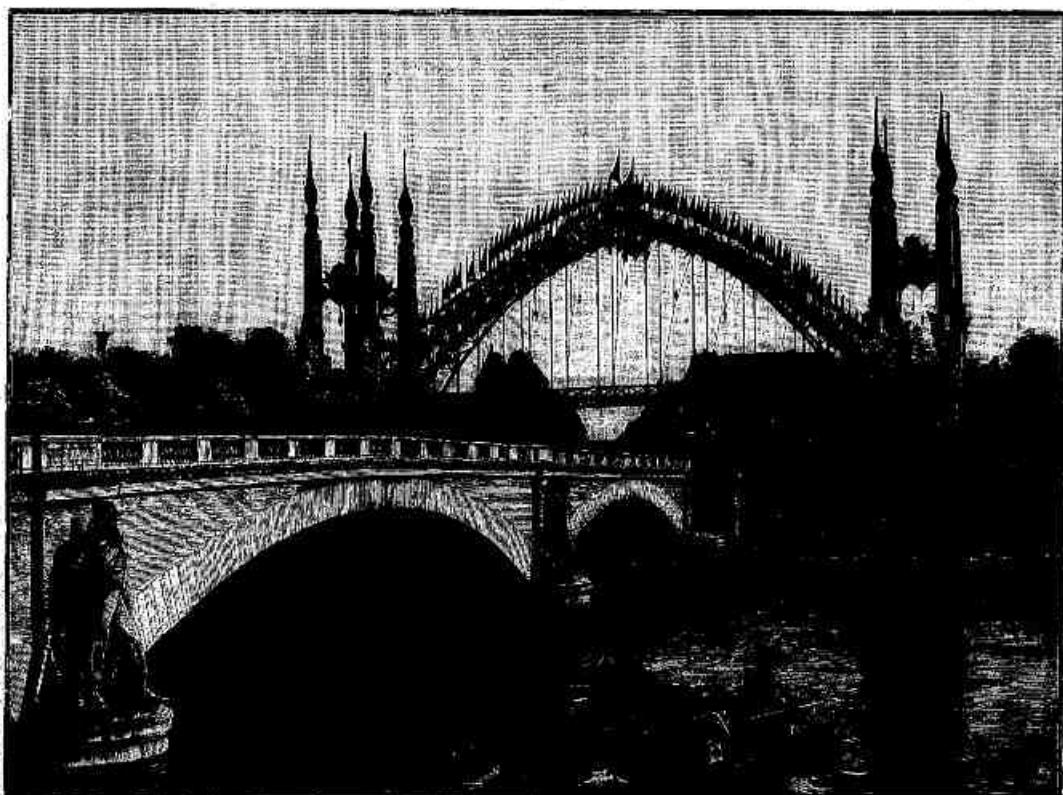


1. Pavilhão da Suécia. — 2. Finlândia. — 3. Síria. — 4. Marrocos. — 5. Tabaco turco. — 6. Uruguai. — 7. Guatemala. — 8. Hawaí. — 9. Lepidolito de diamantes.  
10. Ólhos públicos (Trocadero). — 11. Reino chinês. — 12. Manufaturas do Estado. — 13. Canal de Suez.

RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — DIVERSOS PAVILHÕES DO CAMPO DE MARTE.



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO. — OS PAVILHÕES DOS AQUARELLISTAS E DOS PASTELLISTAS FRANCEZOS.



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A PONTE PÊNSIL SOBRE A FONTE DE L'ALMA.

foram pintados os oceanos, os continentes e as ilhas. A circunferência d'este globo é de 40 metros: representa exactamente a superfície da terra na escala dum milhão: e' escada em serpentina daí ver successivamente a África, a Ásia, a Europa.

De todos os teatros da Exposição um dos mais interessantes era o das *Folies Parisiennes*, genro café-concerto de Paris. A cena, os camarotes, os camarins, o scenário, tudo, tudo quanto n'um teatro é um perigo constante d'incêndio, era ali em folha de ferro, em folha de ferro pintada. Este teatro era um verdadeiro tipo de teatro à prova de fogo. Muitos emprezarios franceses e estrangeiros se serviram do modelo, para fazer teatros de verão. E é um teatro assim, pelo modelo das *Folies Parisiennes*, que nos precisamos em Lisboa, — um teatro de verão, um teatro de jardim, para funcionar desde abril ate ao fim de outubro, meses em que se não pode estar em nenhum dos teatros que Lisboa possui. Mas pelo amor de Deus e dos lisboetas, se a ideia surri a algum emprezario, que esse inovador não va pedir informações a Melicio... Melicio não sabe absolutamente nada do que havia na Exposição... Também não preocupe o sr. Silva Industrias... Esses ananases figurões ainda duvidam se efectivamente houve em Paris uma Exposição Universal — tão ocupados andavam com os seus achaques.

Terminemos a série das nossas *erquis* soltos com dois aspectos do Campo de Marte. Estamos do lado do palácio das Artes-Liberas, no alto da pagão olhando para um dos lados do pavilhão do Brasil, em baixo olhando para o zimbório do palácio. Nos dois *erquis* se adivinha esta animação extraordinária do Campo de Marte, que fez d'este pedaço de terra, durante seis meses, o sitio mais enxejado do Mundo, onde todos quereriam ter vindo, onde todos ambicionavam passear.

Quem há ahi por mais *blase* ou mais indiferente de temperamento, que não sinta ainda hoje remorsos de não ter vindo a Paris, ou pena de não ter tido os meios de realizar essa viagem... .

Na pagina onde reunimos treze desenhos de pavilhões diferentes merece especial menção essa encantadora casa holandesa do seculo XVI, com a sua linda Fachada de tijolos, os balcões bordados, as janelas enquadradadas de verdadeiras fayancas de Delft, onde se lapidavam brilhantes diante do público, como elles se lapidam em Amsterdam.

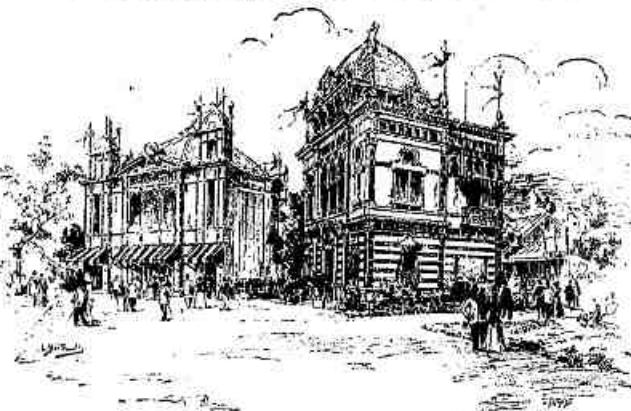
Dois ligeiros casas de madeira, construídas na Finlândia e na Suecia, e trazidas em peças para o Campo de Marte, como o pavilhão da Noruega, symbolizavam os países do norte. Mais alegre o pavilhão onde se vendiam os tabacos da Turquia.



PAVILHÃO DA NORUEGA

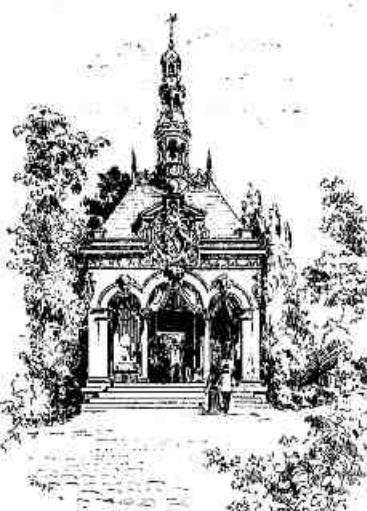
O governo francês, alim das manufacturas do Estado, mostrava-nos no Trocadero um pavilhão especial da Ministerio das obras públicas: lá dentro viajam-se pontos, viaductos, tuneis, planos, aquedutos, atlas, livros, quadras estatísticas, cartas geológicas, cartes de jazigas mineras, caminhos de ferro, vias navegáveis, etc... Os profanos viajam com curiosidade os trabalhos para a perfuração do tunnel sob a Mancha; um apparelho destinado a iluminar as balizas e os recifes, com acompanhamento de sereia, este horrível instrumento a que um melodiasta de mau gosto chama *Wagner náutico*; finalmente, a curiosa reconstituição da fachada do palácio d'Artaxerxes em Susa, gráficas dos documentos obtidos durante a sua missão científica por Mme. Dieulafay.

Olhemos com saudade para os pavilhões dos *pastellistas* e dos *aquarellistas* franceses, para esses dois pavilhões, onde se achavam reunidas tantas obras primas da arte francesa, da verdadeira, da delicada, da comovente, da característica, da deliciosa arte francesa, — da que é ainda hoje uma brillante continuação de todo o seculo XVIII.



PAVILHÃO DO GLOBO TERRESTRE E DE SÃO SALVADOR.

Digamos de passagem que todos os países vendiam no campo de Marte os seus tabacos, excepto Portugal, pela simples razão de que Melicio nunca leu os regulamentos, nem os programas da Exposição de Paris... O pavilhão de Macaronesia era imensamente pitoresco, assim como o pavilhão de Silão que dava vontade de o collocar sobre uma étagère.



PAVILHÃO TEÓFILO.  
(Grandes decorações.)

Nos *pastellistas* não se sabia que mais admirar, se os trabalhos de Lhermitte, ou de Gervex, ou de Puvis de Chavannes, ou de Madeleine Lemerre, ou do Bessard, ou de Dubufe, ou de Lévy; nos *aquarellistas* o deslumbramento era indiscutivel diante das aquarelas de Madeleine Lemerre, de Duez, de Aimé Morot, de Adrien Moreau, de Maurice Leloir, de Delort, de Neuville, de Detaille, de Lhermitte, etc.

Perguntam a Ramalho Ortigão, ao Conde de Ficalho, ao Conde de Seixal, a Bordallo Pinheiro, a Columbano, a Jayme de Séguier, a Carlos Valbom, a Fernando Caldeira, a todos quantos entraram as portas d'aquelle dos pavilhões, se o coração se não entristece com a ideia de que nunca mais toraremos a ver uma colecção tão bella, como a dos *aquarellistas* e *pastellistas* franceses...

Mas não perguntam nada a Melicio, porque Melicio só conhece uma arte — a arte de matar a Arte, por onde passa o seu batô conselheiral...

E todos quantos visitaram o pavilhão português do Quai d'Orsay, que lancem um deradeiro olhar para a curiosa e elegante ponte pensil, que galgava



O THEATRO DAS FOLIES-PARISIENNES.

pelo caminho da ponte d'Alma, pondo em comunicação as galérias ao longo da cais, sem de modo algum prejudicar o transito público. Era uma ponte lindissima, ornada de contendas e bandeiros de todos os países, e ligeira como um fio aéreo.

Viram a todos quantos frequentaram o nosso pavilhão, aquelle que foi admiravelmente ornamento e instalado por Bordallo Pinheiro. Porque é preciso que fique bem presente este facto, que nem um dos delegados especiais que vieram a Paris, principalmente aquelles que vieram com todo o seu *pópulismo*, *burocratismo*, com toda a sua *sciencia de mangas d'alpaca* e de inclitos autores do Terceiro do Poco, nada collaboraram no brilho da Exposi-

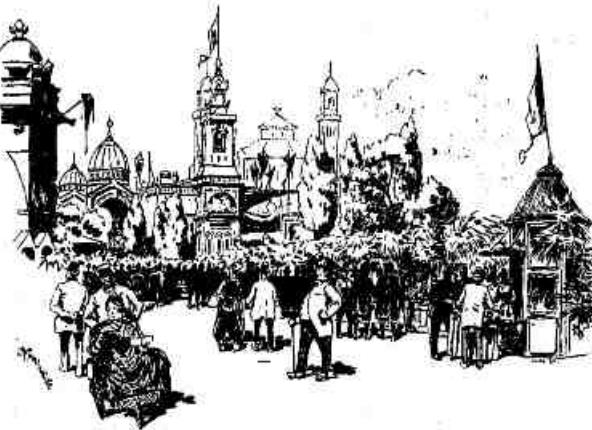
ção. Forum simples delegados de respeito, como há coches de respeito nos passeios triunfantes da nossa corte.

De resto, basta ler o numero especial dos *Pontos* no 3º e o interessante relatório do sr. Pinto Coelho à Associação d'Agricultura portuguesa, para compreender, para advinhar, o que fez o que melhor fora que não fizesse, o populismo indígena.

Amigos leitores: Melício não é um caso isolado, na sociedade portuguesa. Melício é uma epidemia... Oxalá ella fosse tão fácil de curar, como foi a influenza!...

#### A aclamação d'El-Rei e sr. D. Carlos I.

A Ilustração oferece hoje aos seus leitores uma série de interessantíssimas gravuras de cerca da aclamação de S. M. El-Rei e sr. D. Carlos I, gravuras feitas sobre photographias expressamente tiradas para o nosso collega parisiense o *Monde*.



Aspectos do Campo de Maio.

Ilustração, e em cujas páginas Mariano Pina coloca há vários anos.

O sr. Bobone, que hoje se acha à frente do importantíssimo atelier *Film*, precipitou-se a enviar-nos várias photographias instantâneas das festas da aclamação. Essas photographias eram esperadas em Paris no sábado 3, ou no domingo 4 de janeiro, para serem imediatamente distribuídas pelos desenhadores e gravadores do *Monde*, e aparecerem com toda a actualidade no numero especial do *Monde* que é distribuído em Paris todas as sextas feiras pelo manhã. Mas por um destes desarranjos postos que só se dão com correios e comboios portugueses, essas photographias só chegaram a Paris no 3º feira de janeiro, ao meio dia...

Impressível adiar para a semana seguinte as gravuras segundo as photographias instantâneas do dr. Bobone, porque outros semanários ilustrados podiam tomar adiantamento no *Monde*. Aíndia a situação era um tremendo desenho de desenhadores e gravadores. Assim se fez.

Na 3ª feira 7 de janeiro, às 3 horas da tarde as photographias do dr. Bobone eram distribuídas pelos colaboradores do *Monde*. E na 5ª feira às 3 horas da madrugada entravam as gravuras na máquina; e o *Monde* era distribuído em Paris no 6º feira, sem ter sofrido uma só hora de atraso!...

N'outra máquina da mesma officina, o presente numero da Ilustração espera que finalmente a tiragem prodigiosa do *Monde* (cerca de 60000 exemplares!) se imediatamente entrarem essas gravuras nas páginas do nosso jornal, que desta vez teve de ser feito com grande antecedência, por causa das exigências das Messageries Marítimes no que respeita a mercadorias de Paris para Lisboa.

E aqui temos os tormentos, porque passam os jornais ilustrados quando querem andar bem informados.

Neste momento a Ilustração luta com uma gravíssima dificuldade — o numero de dias que se permitem entre o dia da sua impressão em Paris, e o dia da sua distribuição em Lisboa. É uma demora terrível que faz com que o nosso jornal perca uma parte do seu interesse. Esta demora é devida aos caminhos de ferro, ao transporte por mar, às barreiras, à alfandega, aos mil e um obstáculos da famosa rotina de transportes entre França, Espanha e Portugal.

Estamos, pois, estudando uma importante combinação, e se a podermos levar a efeito, com a ajuda dos nossos leitores, d'ella fallaremos num dos próximos números.



Aspectos do Campo de Maio.

Ilustra, pelo distinto photógrafo de Lisboa o sr. Bobone...

Roma não se fez n'um dia, — e um jornal como a Ilustração, para ter permanentemente organizado o seu serviço de reportagem artística, tanto em Portugal como no Brasil, precisa de consumir em ensaios que são sempre longos, não só muitos meses, mas até alguns anos.

As festas da aclamação, pelo seu fausto, e porque a actual raia da Portugal é uma *princesa* da Casa de França, despertaram grande curiosidade em Paris. Vários jornais ilustrados franceses pediram no nosso diretor para lhes obter croqui ou photographias. Teve a prelatura e o nosso collega o *Monde* Ilustrado, em cujas officinas se imprime a.

Tentasse, nem mais nem menos, do que fazer viajar a Ilustração — polo *sub-express*...

O nosso jornal imprime-se em Paris n'um sábado, e chegar na 3ª feira seguinte às mãos dos nossos assinantes.

Deste modo a Ilustração põe em tres dias os seus leitores de Portugal no corrente dos grandes acontecimentos europeus.

És toda a nossa ambição!

As festas da aclamação de S. M. El-Rei e sr. D. Carlos I, que se realizaram em Lisboa nos dias 28 e 29 de dezembro final, não necessitam de ser por nós descriptas, pois que o foram largamente por todos os jornais diários.

A Ilustração só compõe ilustrações, e as nossas gravuras serão o melhor documento histórico d'essas solenidades que marcam o começo do reinado do sr. D. Carlos.

Chamemos especialmente a atenção dos nossos leitores para os primeiros desenhos que reproduzem os melhores tipos dos famosos coches da Casa real, alguns dos quais figuraram no cortejo do dia 28 de dezembro, — e que são verdadeiros maravilhosas decorações do século XVIII. Todos esses coches foram executados em França, e são bellos documentos de opulência da corte de Portugal nos tempos de D. Pedro II, de D. João V e de D. José I.

As outras gravuras representam: — a chegada do cortejo real no palácio das Cortes; — aspecto da sala das cortes durante a cerimónia do juramento; — saída do cortejo da igreja de São Domingos depois do Te Deum; — chegada do cortejo real ao palácio de Câmara Municipal no largo do Pelourinho; — e a desfilado das tropas na Avenida da Liberdade, vendo-se à entrada do Avenida o bello monumento dos Restauradores.

Todos estas gravuras devem-nos à actividade, a inteligência e ao bom gosto do sr. Bobone. O *Monde* Ilustrado e a Ilustração agradecem-lhe, profundamente reconhecidos, as suas magníficas photographias instantâneas.

Paris. — O Natal das crianças pobres no palácio do Presidente da República.

O presidente da Repúblia francesa e Mme Carnot quizeram que as crianças pobres das escolas communas de Paris festejassem alegremente o Natal, que é a solenidade tão querida dos parisienses. E para esse fim, organizaram-lhes uma verdadeira festa no palácio do Elysee, no dia 25 de dezembro, nos mesmos salões em que no dia 1º de janeiro foi recebido todo o corpo diplomático e as grandes autoridades de França.

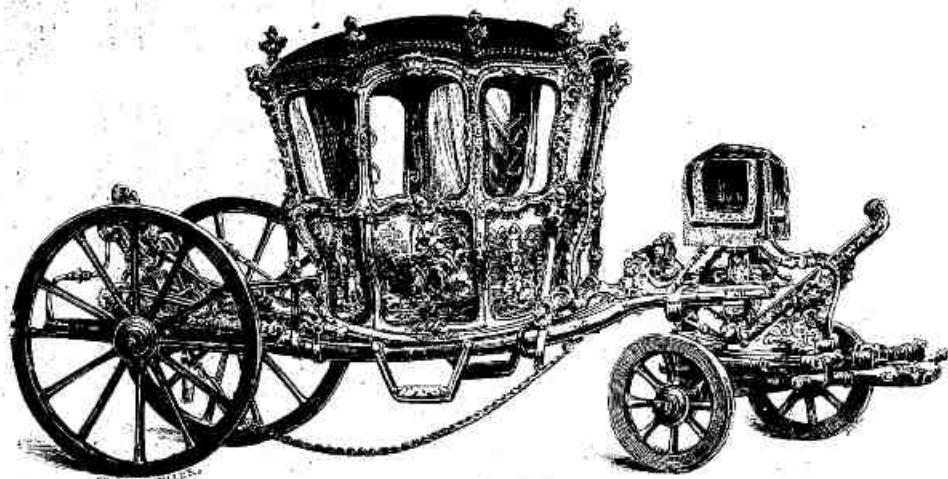
A uma hora da tarde do dia de natal o bando das crianças, formado por dezenas rapazes e dezenas raparigas, chegou ao Elysee, dentro de quarenta omnibus. Todas as crianças, introduzidas na grande sala das festas, se achavam agrupadas sob a vigilância dos maiores das vinte circuncrições de Paris, e dos professores e professores das escolas.

Mme Carnot apareceu então diante do seu audiorio, e num curto speech, exprimiu o sentimento que causava ao Presidente não poder assistir a esta festa (por causa da infiltração e a crescentes que o seu maior deseo era que as crianças pressionassem guardasse a melhor lembrança do Natal passado no Elysee).

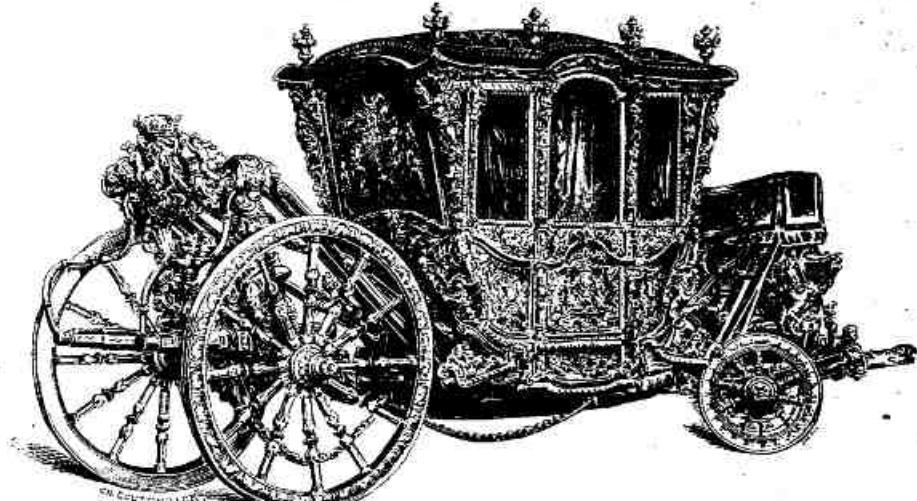
Comigo em seguida a festa: primeiro representação de Guignol. Em seguida merenda: chocolate, bolos, xaropes, sanduíches, etc. E por ultimo a distribuição dos presentes suspenso das arvores do Natal. E Mme Carnot quis distribuir a cada criança, primeiramente, um livreto da caixa d'epargne (caixa d'economias) do valor de dez francos, e um capote, uma espingarda, um pacote de doiss e variados brinquedos. Para as raparigas o capote era substituído por uma capa, e a espingarda por uma boneca.

Os oficiais da ordem do presidente da Repúblia auxiliavam Mme Carnot n'esta distribuição. Eram o colonel Lichtenstein, o comandante de Maigret, e o comandante Chaponot e o tenente Lusconi.

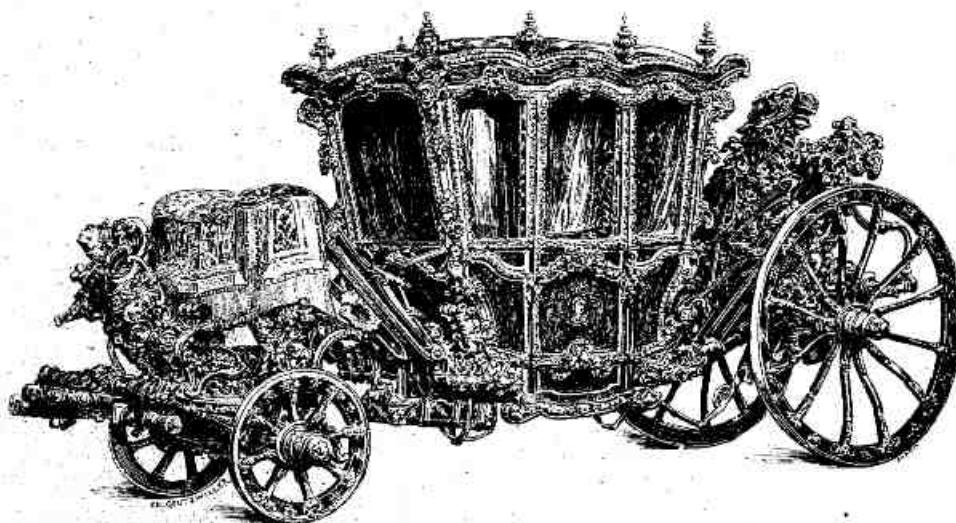
Foi uma festa encantadora, da qual nos mostra diferentes aspectos o nosso brilhante colaborador Adrién Marie.



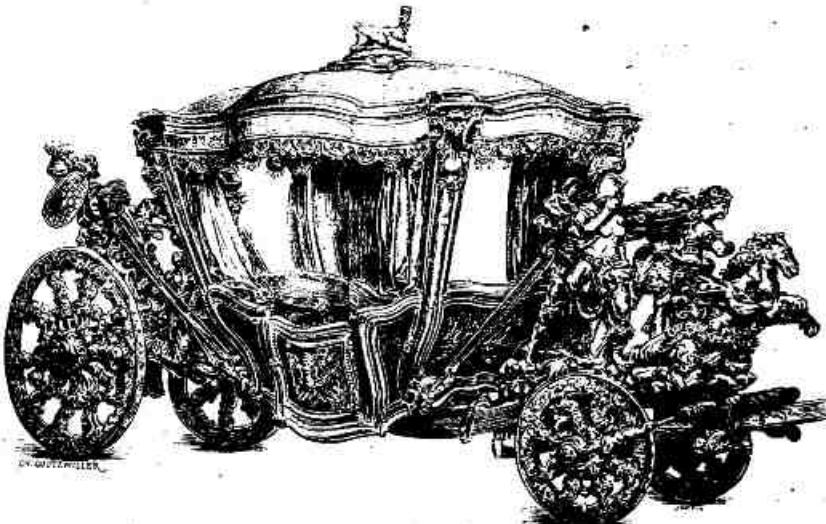
Coche de Dom José I (1750).



Coche oferecido por Luiz XIV a Dom João V (1708).

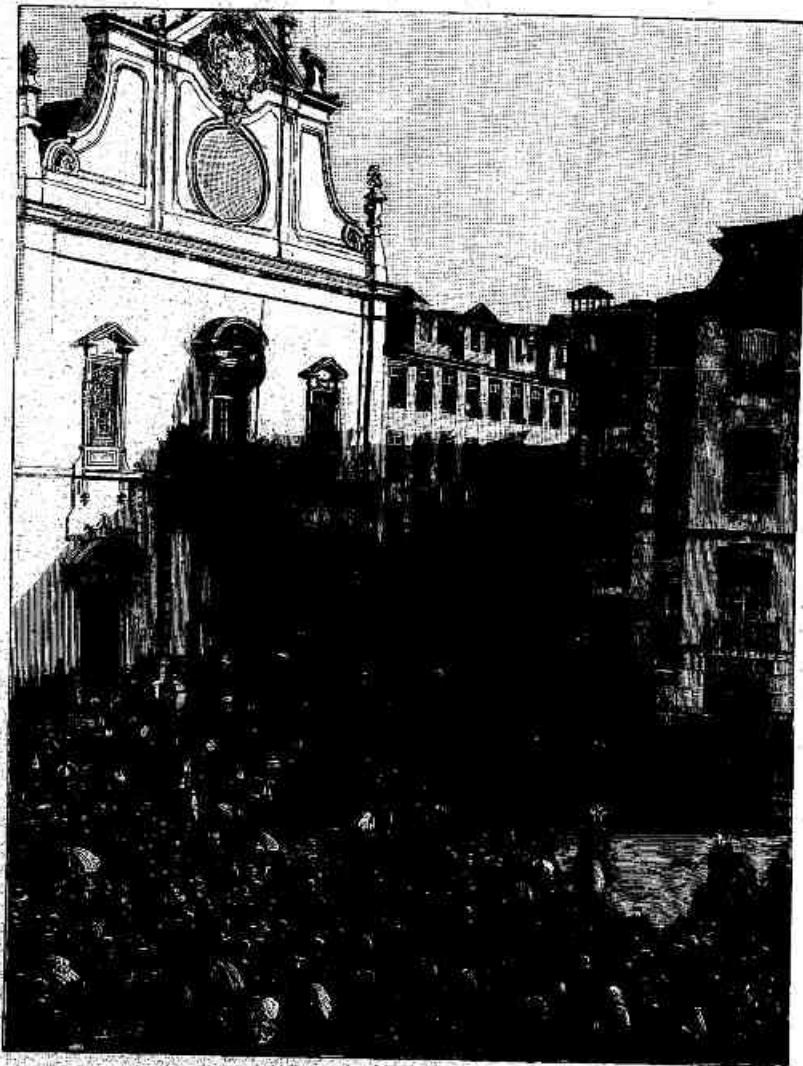


Coche de Dom João V (1760).

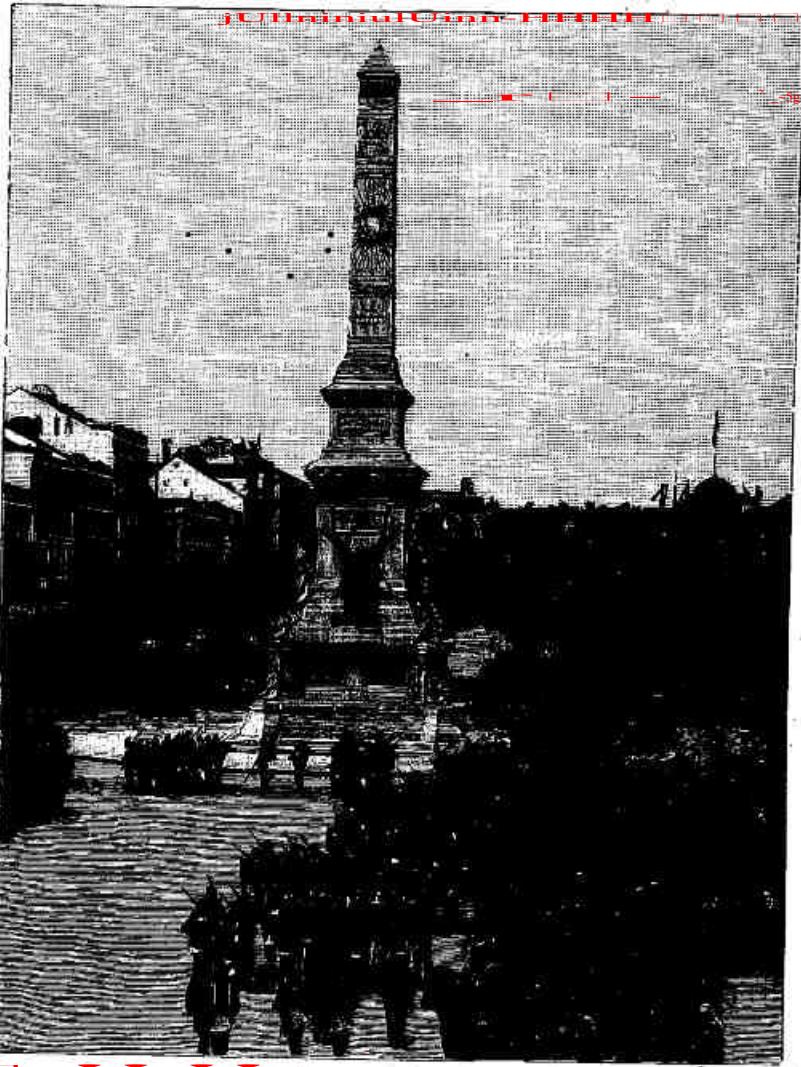


Coche de Dom Pedro II (1827).

A ACCIADIAÇÃO DE S. M. EL REI O SR. D. CARLOS I. — OS COCHES DE GALA DA CASA DE BRAGANÇA.



A SAÍDA DA IGREJA DE S. DOMINGOS DEPOIS DO 4.º DE JULHO.



A revista. — O desfilar das tropas pela Avenida da Liberdade.

LISBOA. — A ACCLAMACAO DE S. M. EL REI O SR. D. CARLOS I.



## A TRAVÉZ DE PARIS

A Exposição. — Paris vencido. — Batulho de pincéis. — Uma reunião agitada. — Os *invités*. — Refúgios necessários. — Mac-Nab. — O *anarchist*. — *Jeanne d'Arc* e Sarah.

**E**STAMOS expiando agora a *dansa do ventre* e as mais abominações do verão passado. Pois que imaginam que é esta negregada *influenza* senão — o Castigo! Muito felizes nos devemos julgar de elle ser relativamente ameno. Mas ainda assim, ó umbigos da rua do Cairo, bem caro nos custas!

O carácter cosmopolita d'esta peste sternutaria explica-se facilmente. Foi em Paris que o Ventre dansou, mas de toda a parte do mundo vieram contemplar os peccadores. Finda a Dança, regressaram estes a seus lares disseminados em todas as latitudes do Globo. Lá os foi procurar o Espírito do Eterno.

Com o devido respeito, parece-me que a Providência toma as coisas muito a sério de mais. Por um pobre abdômen rotativo, e meia duzia de peccados connexos, não valia a pena desembainhar o gladio e mobilizar as catarrhae. Depois, os Archianjos estavam-se excedendo. A coisa começou pelo desfluxo, e já desembou na pneumonia. Deixou de ter graça. Além d'issso, a peste não leva sobreescrito e fere indistintamente inocentes e culpados. O meu amigo e director Mariano Pina, que é a inocência mesmo, e que fugiu da rua do Cairo como de Satanaz, é por exemplo uma das vítimas. As expiações à grota dão d'estes resultados iniquos.

Paris caiu n'uma tristeza morna de que não conseguem arrancar os trezentos enterros supplementares que todos os dias aumentam a animação das principais arterias. O dia de anno bom, tão risomó e tão festivo, foi d'esta vez exclusivamente galhofeiro para os gatos-pingados e Alquimias de coches funerários, que se pagaram bacchanas delirantes e *réveillons* insensatos à custa dos influenzados. Nas plateias do teatro crescem tortilhos lamentavelmente. O ar empesado carria microbios de melancolia desenvolvia com os *drapés*, e as faccetas dos actores falham na humida tristeza dos camarotes vazioes como tiros de polvora molhada.

Nunca vi Paris em similhante modorra. Esta cidade de espírito e de inteligência sente-se aniquilada na exaustão do mal que a agride.

Com o cholera, com a febre amarela, com qualquer flagelo violento, rápido e cruel, ella já provou saber lutar, reagir, defender-se. Metralhada a epigramas, a canções, a faccetas, espicaçada de ironias, apupada a *calembours*, apeninada a caricaturas, a epidemia tomava o partido de se ir embora, humilhada de não haver podido assustar Paris. As scenas porém mudaram. Envoltos em flanella, com a botija aos pés, um lenço amarrado na cabeça, o pingo no nariz, a tosse nos bronchios, o urrício na pelle, Paris está absolutamente vencido, subjugado, maté. O microbio d'esta vez deitou por terra o gigante.

\* \* \* A pintura a óleo destemperou na quinzena fina. A reunião do Palacio de Indústria offerereu ao mundo o espectáculo de mil *rapazes* vociferando como um simples meeting de petroleiros. Qual o motivo do celeuma? As recompensas da Exposição. Devem elas ser assimiladas as recompensas do Salão annual e dar o direito de isenção aos premiados? A assembleia espumante, votou que não. Meissomier entendendo justissimamente que os mil e tantos encer-

gumenos alli reunidos não tinham qualidade para declarar nullas e sem nenhum valor as recompensas que a França outorgara aos artistas nacionaes e estrangeiros cujas obras foram o encanto da Exposição fina, reforçou-se dando a sua demissão. Resultado — scisão completa na groy do oleo e a ameaça de doce salões suspensa sobre a nossa cabeça. Eu peço misericordia.

O conflito continua em estado agudo. O mal vem de longe e está no proprio princípio das insenções que é absurdo. Pelo fato de haver em certo anno obtido uma recompensa, sabe Deus porque menos, qualquer salta-pocinhos de *atelier*, ficava in *avemum* dispensado de exame de admissão no *Salon*. Pela razão especiosa de haver sido julgado *notável* [1], uma vez na vida, assistia-lhe o direito de ser grotesco durante o resto da existência. D'ahi essa maré odiosa de *crostas* horrípilas que todos os annos invade as corrijas e as galerias exteriores do Palacio de Indústria e que afoga no odioso aperto da turba a obra dos talentos, espontâneos e originais. Supprimido esse privilégio absurdo, fica desde logo aberta no *Salon* uma clareira enorme. Toda a parasitagem dos mediocres e dos invigilantes, arrancada d'essa bella seara anual como se arrancam d'entre as boas e robustas espigas as gramíneas vorazes, o joio malevolos, — logo o ar e o espaço tão necessário à vida deixarão de escassear como ate hoje aos esperançosos e aos uteis. Teremos um *Salon* mais pequeno, mas infinitamente mais completo e valioso do que essa desregreda e bambochante Kermesse onde a desesperante e fecunda mediocridade atropella todos os annos a sobria e restrita produção do talento.

Alem da supressão dos isentos — uma outra reforma se impõe — a diminuição do numero de eleitores do jury de admissão. O sufragio universal é tão tolo na arte como na política, e da logar n'um e n'outro terreno aos mimos abusos e aos mesmos escândalos. A preponderância dos *ateliers*, sobretudo do famoso *atelier* Julian que é uma potencia no Estado, está-se tornando insuportável e urge quanto antes destruir a influencia d'esses ninhos de intrigas que são o maior obstáculo que um artista independente pode encontrar na sua carreira.

\* \* \* O pobre Mac-Nab li se deixou tragar pela grande esfomeada. Com elle desapareceu uma das alegrias de Paris. Montmartre esti d'acto por um dos seus filhos mais gloriosos, e um crepe funebre envolve a taboleta do *Chat-Noir*.

Os 750 bravos do Mindello e outras praias de banhos que vieram o anno passado à Exposição conheceram decreto Mac-Nab que era visível todas as noites, a olho nu, na taberna de Salis. Era um homem magro, de perfil delgado, forte barba castanha escura, voz fraca e levemente cecida. Recitava as suas extraordinárias canções com um phlegma absoluto, n'uma espécie de melopéia que o piano rythmava, e guardando sempre o seu frissar de *pince sans rive*.

Mac-Nab, apesar de republicano, era considerado entre os *puros*, como um odioso aristó. Em primeiro lugar, fôra elle quem inventou a ideia das sextas-feiras dedicadas ao *high-life*, que atrahiam ao *Chat Noir* o bairro São-Germano em peso. N'essas noites, a rua Victor-Massé regorgitava de cônches bronzeados e cuchilhos de pelissa. Salis tonitruava discursos dignadissimamente expurgados, e Caran d'Ache exhibia a *Epopeia* que é o mais decente espetáculo d'este mundo. Quanto ao Mac-Nab, esse limitava-se a substituir f...u por *ficlu* nas suas canções, o que salvaguardava ao mesmo tempo a decencia e a rima — mas isso bastava a torná-lo suspeito a todas as pantheras de Batignolles.

Além d'issso Mac-Nab troçava dos *puros*. Foi elle o criador, ou pelo menos o mais perfeito vulgarizador do *anarchist* hirsuto e furibundo que Jean Beraud devia depois immortalizar no seu famoso quadro o *meeting*, deante do qual eu vi na Exposição um *clergyman* inglez sentar-se

no chão por não poder parar de pé com riso. A *Expulsão* fica sendo a obra prima não só do celebre cançônista, mas do genero litterário a que pertence, e vale por si só um longo poema. Não se descreve o *humour*, a cortante ironia d'essa meia duzia de estrofes onde a parvoice humana espelha o seu foscino obtuso e feroz, e que de um momento para o outro projectaram o nome de Mac-Nab em plena celebridade.

Com a cabeça cheia de rimas, de sarcasmos e de estrofes scintillantes, o pobre Mac-Nab passava 12 horas por dia ocupado a apartar cartas segundo os endereços, no Correio Geral. Este estupido trabalho era o seu ganha-pão. O Estado pagava-lho a razão de 4 libras por mez. Com este ordenado, as suas noites do *Chat-Noir* e o producto das suas canções, Mac-Nab arranjou-se durante algum tempo de maneira a não morrer de fome. Mas a tísica roia-lhe as pulmões lentamente, e fazia-lhe pagar cada nova canção com uma golpada de sangue. A *influenza* veio por fim e fez o resto.

Pobre Mac-Nab! Nunca mais o veremos, grave e frio, postar-se ao lado do piano na grande sala ilustrada por Willette, e cantarolar sem gestos, com a sua débil voz de tuberculoso :

Bragance! On l'connait c't'oiseau-là!  
Faut-il qu'on orgueil soyé profonde  
De s'étre l...u [2] un nom comme ça.  
Peut donc pas s'appeler comm' tout l'monde!

\* \* \* Já me fallece o espaço para lhes contar o novo triunfo de Sarah Bernhardt. Eis uma que resiste à *influenza*! Diabolica mulher.

A *Jeanne d'Arc* do sr. Barbier tem o merito de seguir passo a passo a cronica do tempo. É uma especie de auto ou de *mysterio* ingenuamente escrito, mas por isso mesmo impregnado d'uma poesia penetrante e capítosa. Sob as feições e o jogo de scena de Sarah, a Virgem de Orléans, a *Santa de França*, revive tal como a imaginação a concebe ao lér as paginas divinas de Michelot ou ao contemplar a adorável tela de Bastien Lepage. Extática, alucinada pelas visões que a perseguem, pelas vozes que lhe falham, na sua aldeia de Donrémy; febril, vibrante de ardor guerreiro e de fé christa, no castello de Chinon ou na cathedral de Reims; subtil, engenhosa, finamente casuística na sua famosa discussão com os juizes de Rouen — nem uma só das feições caracteristicas d'esta grande e adorável figura deixou de ser comprehendida por Sarah, d'um modo superior a todo o elogio. É uma evocação completa, a que serve de moldura a mais deslumbrante *mise-en-scene* que jámais desenrolou n'um teatro de Paris os seus variados e artísticos esplendores.

GIESS.



## A MESTRA REGIA

(Conclusão)

— Não, isso não. Oh! rapazes! lembrem-se que sempre é o nosso parocho; bater-lhe é cahir em pecado mortal, é como se batessemos em Jesus-Christo!

Ao mesmo tempo alguns homens menos violentos acercavam do parocho, e conseguiam libertá-lo, protegê-lo até a residéncia.

O tumulto finalmente foi serenando: mas a alma da população continuava de vibrar inquieta e irritada.

O padre Theodosio era incansável em alimentar a chama da indignação popular; multiplicava-se em milagres de actividade tribunica, declamando as diatribes dos jornaes recém-chegados, fulminantes de patriótico e honesto horror pelos escândalos do poder, que abusava da paciencia

[1] *Fichu*, as sextas filhas.

do povo, e ao velo percorrendo a freguesia a passadas urgentes, com ares estoncados, esvoantes ao vento as compridas abas do seu casaco eclesiástico, dir-se-hia que na sua passagem ia levantando rajadas de revolta.

No dia seguinte propalou-se que as freguesias limitrophes se congregavam para invadir a sede do concelho e assaltar as repartilhas públicas, indicando-se hora e local para se reunirem as forças aliadas.

De tarde os amotinados affiuram à tasse do Pisco; a breve tredio a espelunca regorgitava de gente ardendo em imóveis sediciosos e os que não cahiam dentro enovelavam-se à purta. Os grandes copos passavam de mão em mão entre vozeantes avinhados; por vezes o susseguir era dominado pelas arengas trovejantes do Pisco para logo suffocadas n'uma explosão de urros, e depois aquellegonto obriu e desvairado abalava n'um impeto de torrente que rompe os diques, aos gritos: Abaixo os impostos! Abaixo a coria!

Quando assomaram ao largo da Igreja por sobre o *tronchado* vibrou um toque de corneta. A multidão estacou como um só homem, gelada de silêncio e de espanto, e logo uma voz desperrou a turba assombrada:

— E' a tropa! é a tropa!

Foi o padre, foi o Judas do padre que a chamou!

Então pela multidão passou um calafrio de terror, e todo aquele povo que se agitou n'um movimento desordenado de fluxo e refluxo, pondo em debandada os mais timidos, que deixaram um rasto de tamancos, de chapeos, de varapaus, de aguileões.

Entretanto a columna, com um ruído surdo de passos cadenciados, entrava no largo, e à voz de comando alinhava uniformemente com um estrondo unísono de coronhas batendo o solo.

O tenente, avançando algumas passos, iniciou a ordem de dispersar.

O Antonio, brandindo a clavina, vociferou:

— Oh! rapazes! D'aqui ningum arreia pé; não haja medo que elles são poucos.

Acto continuo erigiu-se uma grita furibunda:

— Fóra a tropa! Fóra a tropa!

Um turbilhão frenético de aguileões, defouces reluzentes, de varapaus, de espingardas, erguendo-se por sobre aquela massa negrejante; mulheres esguedelhadas e esquadradas, com ares de sybillas em fúria, accorriam esganicandose em alaridos, ao mesmo tempo que apinhavam pedras nas saias arrequejadas. Os fugitivos envergonhados, exhortados pelo multílio, retrocediam encorajados na chusma ululante, que se excitava em eufemias de valor, como uma horda de selvagens, com berros e bravatas, em quanto que a torre da Igreja evolava-se n'um torque furioso a rebato, que sobressaltava o berreiro com a sua tonda vibrante e aguda, e a este clamamento frenético, guerreiro e sinistro, como um brado lancinante de alarme em catastrophé tremendo, acudia em alvoroco aluvinhada toda a população.

Os moradores mais distantes, fazendo uma arma do primeiro instrumento a lanco de mão, arremessavam-se com desvariaimento batalhador ao local do conflito, e as crianças, na embriaguez d'este entusiasmo belicoso, sentiam-se fortes também para o combate vociferando e apinhando pedras.

A turba crescia como uma inundação, envergolhada, redemoinhante n'um negrume compacto, a cuja superficie se agitava uma mescla de varapaus, de aguileões, de fuzéis, de espingardas, de enxadas e de louças; o sol accendia fuligens n'este embate exótico de armas semi-barbaras; e por vezess, ensurdecedora grita feita de todos os vozeantes indescritíveis que rejeitava o rugido formidabiloso da viva popularião.

O tenente extenuava-se em exhortações expositópicas apasguntas, com gestos; vehementes reclamava silêncio, e massacravam-se com que amontecia o alarido aroante, exhortava a multidão a dispersar, invocando à lei, à ordem, o res-

peito à autoridade, e protestando que não estava ali para offendrer a população.

E conclui ateando a voz:

— Só querer levar o parochio, deixem-me levar o parochio, é a força retira.

Mas no enunciado d'esta exigencia a indignação cresceu e destacavam-se estas vozes a um tempo:

— O padre é nosso, o Judas do padre ficou por nossa conta.

— Não largamos o padre; havemos de fazer justiça por nossas mãos, havemos de lhe tirar a pele.

— O padre é o culpado, morra o padre!

E a multidão ululava:

— Morra o padre!

Ao mesmo tempo os tumultuosos, levando à conta de medo a firmeza prudente e conciliadora do oficial, cobravam alento para crescer sobre a tropa; os mais exaltados ameaçavam disparar as espingardas e um mais temerario chegou a ter o tenente na pontaria da clavina a queimarrucha.

Elle, porém, com rapidez e serenidade desviou a arma com o sabre, tentando ainda um esforço supremo para acabar o tormento; mas um embate no homem, seguido de um gemido, atraiu-lhe a atenção e viu cahirasse lado o sargento que, após alguns movimentos convulsivos, se immobilisou cadavericamente.

Então, acto continuo, à voz de fogo seguiu-se a detonação de uma descarga.

N'um impulso irrepreensivel de panico a multidão debandou, e na clarice aberta pela dispersão estrechousem no pô quanto populares. Outros ensanguentados iam retirando amparados pelos sediciosos mais próximos entre alaridos e prantos das mulheres.

Os soldados exasperados pela morte do sargento, homiplidados pelo aspecto consternador do cadáver com um olho vasado, disparavam sempre n'um frenesi de vingança, em quanto que a multidão dispersava se refugiando aos mangles nas esquinas das casas, atraídas as árvores, em todos os sítios onde estivessem os abrigos das balas.

Passado o primeiro movimento impulsivo de terror, o Antonio bradou:

— Oh! rapazes, não haja medo. Vamos ganhando tempo, em se lhes acabando as balas e vindos a noite, cabimos-lhe em cima.

Outra voz alviro:

— O tiro que virou o sargento era para o oficial, deitemos-lo abaixo e elles são nossos. Para elle todas as pontarias.

O tiroteio continuava sem tregos; silvos de balas cruzavam-se; as espingardas caçadeiras disparavam-se espacadamente sem alcançarem o alvo. Mas na columna militar fusilaria era mais reñida; a certos intervallos explosiam novelos de fumo radiados de chispas dardantes; a fumarela adegaçava-se em musselinhas azulejadas, que se prendiam e esgarçavam nos galhos das árvores; as balas mosquitoavam as paredes fazendo ricochetes; as pontarias mais altas vergastavam as árvores por entre um chuveiro de folhas, em quanto que os tiros baixos chicoteavam o solo que cuspiam jactos de terra.

Entretanto o sol declinava e os raios oblíquos accendiam nos vidros da Igreja e através das árvores faiçanadas de ouro.

O tenente, reduzido à defensiva e prevendo que a situação era insustentável durante a noite, pensava em retirar com firmeza.

Faltava-lhe um troço da cavalaria para se abluçar a ofensiva sem desaixar um ataque decisivo; a imprevisivel de tão perigosa resistência confiava-se na submissão dos tumultuosos sem exageração de apparato bellico.

Ao começar a retirada da pequena columna os pimpões e outros que não o eram, animados pelo exemplo, encorajados pelos effusivos de embriaguez belicoso que andava no ar de envoio com o cheiro da polvora, avançaram em perseguição da tropa.

A soldadesca, porém, retirava com disciplina

o firmeza correctas; as balas rechagavam os perseguidores, que avançavam de novo e apupavam a tropa, medindo prudente distancia, e quando o destaqueamento já ia longe, acclamavam surtidas e chufas a posse triunfante do campo de batalha. Depois, na avidez de prolongar a sangocaria em cujas emanações se embriugavam, o povo refusia ao largo na contemplação colérica e consternada dos cadáveres, ao mesmo tempo que as mulheres, ajoelhadas junto dos mortos, se prantavam em alaridos, salpicando-se nas pocas de sangue, arrapalando os cabellos, e rojando-se asselvajadamente no pô com gestos epilepticos.

Então o furor do povo recrudesceram terrivel, sedento de vinganças formidaveis, em que cevasse a raiva lugubre que se nutria d'estes lagrimas e d'este sangue.

Todas estas angustias e coleras negras confluiam unanimes para um pensamento fixo, o padre, e a um tempo toda esta turva, como todos da mesma corrente eléctrica, prorrompeu n'uma explosão de insultos e maldições, estragando este brado de colera suprema e implacável: — Morra o padre! Morra o padre!

Acto continuo a multidão, impelliédo n'esta rasa de fúria sanguinaria, cresceu sobre a residencia do parochio.

Ao mesmo tempo na vivenda parochial penetrava um calafrio de pavor, trazido pela criada do parochio n'um alarme de afflition desvairada.

Elle entrou esbaforida, enfiada, clamando:

— Elles ahi veem! elles ahi veem! A Virgem Maria nos acuda!...

O Padre João, que media com sobressalto atormentado o aposento a passadas frenéticas, quedou-se lívido, fulminado de terror; com o olhar esgazeado tremia inerte, impotente para uma resolução, murmurando apenas imbecilmente:

— Sou a minha hora! sou a minha hora! Deus se compadeça da minha alma! Mas como foi isto?... Como veio isto assim como um raio?...

Ao mesmo tempo a Deolinda, depois de fechar sobre si a porta comchos e fechos, galgou a escada de rodilhão, e ao entrar na sala, sob a impulsão de uma energia suprema, insuporável n'aquele ser delicado de olhar timido e manso, podia articular através da respiração anciada: — Fui, fui, já, já pela porta do quintal; mas pri meiro troquei o fato. Ainda há tempo, se o virem a fugir, escuro como estú, cuidarão que sou eu.

E, dirigida sempre freneticamente para sua valorosa resolução, empurrava para dentro do quarto da cama o padre, que se submettia automaticamente com soffiego e coburde egoísmo, ficando ella de fóra, em quanto que a cruda servia de intermediação na troca do vestuário.

A este tempo os alaridos da população trovejavam à porta, e a casa estremecia no embate entulhado da avalanche popular, em que sobrelevavam-se rugidos de Antonio que ululava:

— Se não abrem, com mil raios!... vai a porta dentro! Logo depois um popular, correndo do lado oposto, approximouse de Antonio e se gredou-lhe:

— Ia estava ella mentida com o padre! Vai-a agora escapulir-se pela porta do quintal.

Então o predio abalou-se num extremito violento, como sacudido de um tremer de terra; a porta gemiu sob a intensa arremetida; os fechos estalaram e cedendo cada um empurrou que o Antonio lhe aplicava n'um paroxysmo de fúria.

A turba incompreendida acima, como se uma subita tempestade labareda invadisse a casa, O Antonio já na frente, obceado de raiva e apesado entrar no salão, vendo num relance d'olhos a um canto um corpo entranhado de negro, envergando um atitude de supplicia e oração, genuflexido e de mãos postas, metteu a alma a cara.

Aterrada, tremendo os braços num gesto de horror e afflition, gritou:

— Oh! sen. Antonio que mata a Deolinda!



LISBOA. — Chegada no concurso deu ao palácio de São Bento.



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A GALLERIA UFFIZI.



À mezzogiorno. — O Gaigou. — O livello da caro d'impresa. — M. Carnot distribuindo os presentes. — A sinistra.

PARIS. — O NATAL DAS CRIANÇAS POBRES NO PALACIO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA.

Mas já ella, com um gemido lancinante, rojava no pavimento.

O Antonio, largando a espingarda, correu para o corpo prostrado, estacando petrificado diante do cadáver, e o seu olhar de aliondo fixava-se na linda morta, que parecia fidalgo com angelica docura, em que se lhe astigrou entrever n'um lampejo o olhar azul e celestial da Virgem do Altar-mor na igreja paroquial.

JULIO LOURENÇO PINTO.

**TSARINE** PÓ DE ARROZ RUSCO  
Aromatizante, Desodorizante, Desincrustante  
PREPARADA PON VEGUET  
Soc. dos Palais, PARIS

## A REVISTA DAS REVISTAS

### A aclamação d'El-Rei

**N**O PASSADO numero publicámos algumas curiosidades históricas acerca da cerimónia da aclamação dous nossos reis, devidas à pena do sr. Cardoso de Bethencourt, que no mesmo tempo, efeita uma tradução ao nosso colégio parisense o *Figaro*.

Hoje parecemos interessante reunir as opiniões mais frisantes dalguns jornais monárquicos portugueses extraídas das *artigos de fundo* que esses jornais publicaram no dia 28 de dezembro, dia da aclamação d'El-Rei o sr. D. Carlos I.

Vejas amigos antevêem-se certas apreensões acerca do futuro da monarquia portuguesa, — apreensões que é útil arquivar porque temem uma alta significação política, n'este momento em que a revolução brasileira parece querer influir nos destinos de Portugal, e em que a atitude da Inglaterra em África nos impõe deveres que nos podem talvez impelir a sérios compromissos.

Passemos primeiramente em revista o artigo do *Tempo*, de que é director o sr. Carlos Lobo d'Avila, — artigo que nos parece saído da pena do sr. Oliveira Martins:

No amor do povo é que se enraiza o poder dos principes, e na consciência geral dos seus benefícios está a melhor base da duração das monarquias. Chegamos a uma época friamente sceptica e praticamente utilitária, em que para tudo é necessário aplicar a balança ou o metro, sem consideração por idéias poéticas desloquadas há muito sobre os cumpos erigelados da história contemporânea.

Ha dois meses subiu ao trono o rei que hoje aclamamos; e ha dois meses que n'este próprio logar dizíamos quanto lhe seria pesada a coroa, e ásperos os degraus d'esse trono coberto de crepes. Hoje vestem-se de vermelho triunfal, mas a verdade, que é branca e transparente como o gelo, nem contrasta com o lucto, nem com as galas, e tão bem só nos dias de dô como nos de festa, tanto se compadece com as lagrimas como os vivas.

Ha dois meses, e n'este período, forçá é confessado, novas complicações, acontecimentos imprevistos, vieram aumentar ainda a quantidade de duvidas e preocupações. Cheios de jubilo pela festa de hoje, como a propria natureza que também sorri para nós no azul de um céu imaculado, onde impõe o sol esplendor, sentimo-nos por ventura atacados da molestia que anda no ar. Tememos a infiltração, porque, para além das alegrias ephemeras, recebemos alguma acesso de gripe.

A febre dengue, que anda no ar, é a anarchia universal nas idéas, é a falta quasi completa de autoridade nos homens, é a desorganização dos partidos, é o abaisseamento dos caracteres, é a brandura dos nossos costumes, e, sobre este quadro de symptomas moraes, é principalmente a fraqueza da nossa economia e o estado das nossas finanças.

Longe de nós o propósito de carregar os intatos do quadro, momente quando tudo são jubilos e festas; mas se alguém, mettendo a mão na consciência, tiver coragem para afirmar que a situação é cor-de-rosa, faga-o: nós não.

Por um lado é a situação embragosa a que as coisas vão chegando em Espanha, pondo o reino vislumbrar riscos de uma crise, cuja refração sobre nós pode ser funesta. Por outro lado é o conflito com a Inglaterra, trazendo ao estado agudo a velha rivalidade acerca do domínio sobre o contingente africano, e collocando-nos na contin-

gência de um perigo imediato, sob a influencia de uma questão chronicá. Por outro lado, finalmente, é a revolução brasileira que, precipitando o império na anarchia, arranca a sorte e a fortuna da nossa riqueza actual e o futuro do nome português no mundo novo.

Mas se é dever nosso manter de pé o trono levantado hui, é dever também do rei cumprir para comosco as obrigações do principado. O período funesto ás monarquias foi aquelle em que o rei se considerava a mais regalada forma de viver. Envalidecidos pela tradição, reis houve que tomaram o cargo como uma concha; quando de facto é, ou tem de ser, o mais grave, o mais penoso, o mais duro de todos os ofícios preparados ao homem. Por isso mesmo é mais cheio de honra, porque n'esses símbolos magestáticos não pôz a idéa outra coisa senão os emblemas visivelmente expressivos da honra que vem a um homem do facto de consubstanciar e os sofrimentos de um povo inteiro.

Nem os reis sybaritas, nem os reis mannequins, segundo a fórmula hypocrita de alguns doutrinários do nosso tempo, nem n'esses tipos de soberano é adequado ás necessidades dos nossos dias, em que o principado, para se manter, nem ha-de ser uma sinecura, nem uma superfície.

O querer do povo, que sagra e aclama os reis, é que elles reinem, na exacta acepção da palavra; e não se deve confundir esta palavra com as indiscrções da tiranía, porque n'esse, nem nos tempos do absolutismo mais definido, os principes deixaram de obedecer as manifestações da opinião, ou de uma certa opinião, pelo menos.

Ou nos enganamos completamente, ou é isto o que está na consciência da grande maioria dos portugueses, enfusados com as desillusões sucessivas, afliitos com as perspectivas duvidosas do futuro, esperançados na ação prudente e energica do moco rei que hoje é aclamado.

Dé-lhe Deus fortuna e glória!

Escrevem as *Novidades*, de que é director político o ilustre jornalista e ex-ministro da coroa, sr. Conselheiro Emygdio Navarro:

Neste dia, não faltam os comprimentos, que são direcções pelas formulas oficiais, nem as reverencias, que são da cortezania palaciana. Alécios a uns e poucos atreitos ás outras, temos só por timbre a lealdade, que algumas vezes poderá ser rude franqueza, mas que será sempre lealdade. Seremos nos dias de crise, que nos fustigue, os mesmos que hoje somos nos dias de festa, que nos despreocupa e alegra.

O novo reinado ergue-se sobre um horizonte, opurrido por densa caligem. Que o rei seja uma força efectiva para dissipar essas ameaças, é o nosso mais ardente desejo, porque julgamos ser essa uma necessidade da situação. A rainha abençoa já que é a Bondade. A suavidade do rosto traduz-lhe as virtudes do coração e as finas delicadezas do espírito. Também isso é uma força. Fazemos votos para que estes raios de luz triunfem sobre os negrume que ensombram os começos do novo reino, e que d'elle se façam aureola duradoura e resplandente.

Le-se no *Bis*, o jornal do que é director político o sr. António Ennes:

A solemnidade que hoje se realizou em Lisboa, apesar de adereçada com liturgias que tresdam a medição, mitras e mitras que recordam o século de Luis XIV, tem uma significação tão moderna que mais é homenagem da realza á soberania nacional de que oscilação do poder régio. O sr. D. Carlos de Bragança foi aclamado rei de Portugal; mas não o foi sem primeiro jurar lealdade á constituição, prometendo guardar e fazer guardar as franquias políticas e as liberdades individuais, que a nação estipulou n'esse pacto da tradição com o direito. Não só inclui, é certo, no formulário do juramento o *vitio de não, não!* das cortes aragonezes, mas ficou subentendido. A condição essencial da legitimidade da realza é a sua fidelidade ás leis fundamentais do Estado. Antes da nação aclamar o rei, o rei prestou vassalagem á lei: O rei ha de reinar, a lei governará. Quando o rei infringir a lei, renuncia a propria autoridade que da lei dimana. Se,

pois, as velhas pragmáticas se accommodassem ao novo direito publico, os brautos deveriam hoje ter clamado ao povo, da varanda das cortes: — *O rei jurou a constituição; enquanto cumprir o juramento, viva o rei!*

Viva o rei! De bom grado repetimos esse grito, porque o rei é, para nós, uma personificação das instituições políticas que nos asseguram liberdade e ordem, não sentimos necessidade de mudar de instituições, nem coragem para confrontar os perigos da aventurosa mudança. A nação portuguesa tem muito que se queixar de si, e muito pouco de que arquivar a monarquia, a não ser que a argua de não poder forçar os cidadãos a cumprirem os seus deveres e a usarem bem dos seus direitos. A velha monarquia foi gloriosa; a monarquia nova, desde que se firmou, tem sido o que a revolução liberal quis que ella fosse, desde que reservou para a democracia prerrogativa de dictar leis e fazer os costumes. A coroa nunca empenhou conflito com os outros poderes do Estado nem com a vontade popular, nunca resistiu obstinadamente a um progresso, a uma reforma, ou sequer a um erro desejado com acerto. Aceitou de boa mente a passividade recomendada pelos publicistas, apenas saindo d'ella a espaço para conciliar e pacificar a política. Circunscrevendo assim a sua esfera d'acção, só a critica malevolia pode imputar-lhe a responsabilidade das decadências e desorganizações sociais, que tão confessadas andam com tão pouco propósito de emenda; ao passo que os pensadores descobrem n'ella a unica força que ainda pode, sondo preciso, obstar a que se embravecam as anarchias massas, que não vão dissolvendo. O que faltou em Portugal ao regime monárquico constitucional, para produzir os seus benefícios teóricos, é precisamente o que nos deve dissuadir de experimentar outros regimens. Faltam homens, partidos, opiniões, espírito de solidariedade, noções de autoridade e hábitos de disciplina; faltam, positivamente, todas as condições e todos os elementos d'uma boa democracia. Quando nos queixamos ás vezes do que faz e do que deixa de fazer a monarquia, é porque não pensamos no que faria uma república, — uma república a presidir á esta nossa sociedade de ambições e cubigas desenfreadas, que só sabe que ha lei para a desrespeitar!

O nosso prezado colega *Diário de Notícias*, a quem as jornaes partidárias deram o rótulo de *incolor*, por evitar sempre o envolver-se em questões e paixões políticas, também nos oferece as seguintes considerações, de cerca do «pesado encargo de reinar»:

Nada, na apparencia, mais facil do que ser monarca constitucional; nada mais difícil todavia do que saber comprehender e desempenhar este papel. No regime do direito divino, a vontade do soberano impunha-se; a sua ação tornava-se dominadora; o seu reinado accentuava-se; as suas virtudes ou os seus defeitos, pessoas faziam a felicidade ou o infotunio do seu povo; tudo cooperava para que a individualidade do rei pudesse sobreasrir em toda a sua energia. No regime parlamentar todas estas circunstancias perderam a sua razão de ser, e a realza converteu-se n'um ideal difícil de comprehender e definir. O constitucionalismo excede as subtilidades da antiga dialectica quando formulou que o rei reina mas não governa. É certo que os ministros respondem pelos actos do rei e assumem todas as responsabilidades politicas, mas as massas é que não sabem comprehender estas distinções subtils, e é sempre á cabeça corada que pede pelo menos a responsabilidade moral.

Não diremos, pois, ao senhor D. Carlos que escolha este ou aquelle monarca, vivo ou morto, para modelo e norte de suas ações. Seja a sua consciencia a sua principal inspiradora, e procure contentar-se a ver que lhe seja possível, não com a satisfação de um capricho, mas com o cumprimento do dever. Procure rodear-se de conselheiros que lhe transmitam com sinceridade o que se passa na alma do povo, e arreda da sua companhia os que só desejam cohonestar a ambicão com a lisonja. Nada mais perigoso que a cobiçaria que se acovinha em volta do trono nos dias sorridentes, e que é a prima de a levantar o voo assim que vê despontar no horizonte o prenuncio da tempestade.

Que o destino propicie o novo reinado, e que o senhor D. Carlos trilhe o caminho dos reis felizes, para que possa fazer a felicidade do seu povo!

## Orçamentos franceses

Os orçamentos ordinários da França tem apresentado a seguinte marcha em milhões de francos:

1881 — Receita	21.884
Despesa	25.814
Saldo	107
1882 — Receita	29.805
Despesa	36.236
Deficit	42.5
1883 — Receita	30.374
Despesa	31.004
Deficit	62.5
1884 — Receita	36.320
Despesa	31.120
Deficit	90.0

1885 — Receita	30.566
Despesa	32.633
Deficit	146.7
1886 — Receita	29.403
Despesa	30.444
Deficit	121.1
1887 — Receita	29.685
Despesa	29.853
Deficit	17.0

Estes sete exercícios apresentam, pois, um deficit extraordinário de 273.8 milhões (67.344 contos).

Além disso tem havido as seguintes despesas extraordinárias:

O deficit extraordinário nos 7 anos foi, portanto, de 3164.4 milhões de francos (569.392 contos).

O deficit total da França em 7 anos foi, portanto, de 3540.2 milhões de francos (637.36 contos) ou em media 51.019 contos por anno.

Para fazer face a estes deficit o governo republicano francês contraiu empréstimos devidamente no valor de 210 milhões de francos (447 mil contos) e mais ou menos distorcida por empréstimos de 92.160 contos (152 milhões de francos). O resto foi coberto: por adiantamentos feitos por diversas municipalidades para obras que o Estado ha de pagar ou pagou, sendo principalmente obras de portos de mar; por pequenos lucros em várias operações de conversão; pela dívida flutuante.

**SABÓ REAL** | **VELOUTINE** | **SABÓ**  
de **THIRADE** | **União Industrial** | **VELOUTINE**  
Encantadoras por sutilidades medicas para a Higiene da Pele e Cabelo de Crianças.

## EIS AÍ O INIMIGO!

Para os dentistas, é um inimigo qual quer produto suscetível de restringir em proporção considerável a sua clientela. Por isso mesmo não fazem caso dos diversos dentifícios que chegam todos os dias sobre o desgraçado público, mas em troca revoltam-se contra o Elixir dentifício dos R. R. P. P. Benedictinos da Abbadia de Soulae, porque com efeito, sabem muito bem que só tem a temer este produto, cuja ação por sua vez tonica e reparadora sobre a mucosa bucal e sobre a polpa dos dentes, coloca estes em estado de resistir a todas as causas de alteração. Cuidado, por tanto, é o que recomendamos a todas as pessoas, que sintam pouco gosto pelas operações da boca e que não vejam com agrado os dentes posticos.

Agente geral: **A. Seguin, Bordeaux.**

Preço de venda em França, Elixir: 2, 4, 8, 12 e 20 francos.

Preço de venda em França, Pox: 1, 25 francos.

Preço de venda em Pasta: 1, 25 e 2 francos.

Encontra-se em todos os perfumistas, Cabelleiros, farmaceuticos, Drogistas, Retrozeiros, etc.

## EXPOSIÇÃO UNIV. 1878

Médaille d'Or **GREZ** Chevalier

LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

## Nova Criação

## PRIMAVERA

E. COUDRAY

Inventor da

## PERFUMARIA ESPECIAL de LACTEINA

700 apresentado ao alto mundo.

Sabonete PRIMAVERA

Óleo PRIMAVERA

Água de Toucador PRIMAVERA

Essência PRIMAVERA

Pó de Artes PRIMAVERA

FÁBRICA e DEpósito:

PARIS 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Abre-se à visita em todas as principais Perfumarias

## VINHO de MILLET

Cháyba Balsámico

Tónico superior d'uma eficácia certa na Anemia, Câncer, Prostração, Impotência, Fáces, Artrite, etc. e nervosas.

PREÇO 3 FRANCOS, O FRASCO

Romaria para o estrangeiro 2 Fr. por 7 Fr.

DEpósito:

41, Rue des Francs-Bourgeois, Paris

Em todos os Perfumistas e Cabelleiros  
da França e do Exterior

**A VELOUTINE**  
Sé d'Artes  
especial  
PREPARADO CON DESMUTHO  
Por CH. FAY, Perfumista  
9, rue de la Paix, PARIS

## CALLIFLORE

Flor de Bellaria

POSS ADORNEMENTS & INVITATION

Grande se nove modo porque se empregam ratoeira comunicante ratoeira e difusão de bellaria e deixam um perfume de exquita suavidade. Alum dos brancos, de rosas, paix, ou outros de que se queira. Pode-se empregar ratoeira e difusão de bellaria e deixam um perfume de exquita suavidade. Pode-se empregar ratoeira e difusão de bellaria e deixam um perfume de exquita suavidade.

AGNEL, Fabricante de Perfumes, em PARIS

FÁBRICA & EXPEDIÇÕES: 16, AVENUE DE L'OPERA

Em Lisboa: Seta Casas de vendas por mundo nos bairros mais ricos de Paris.

LISBOA — MM. V. de CASTAN José da Costa e F. — r. da Rua do Caron, 60 e 78.

## ASTHMA E CATARRHO

Curados CON OS

SPRECHES, TONICS, CONSTITUTIVOS, NEUROGÍAS

Em todos os Farmácias de Portugal e de Brasil — PARIS. Vendido por grossos J. SPRECH. Rue St-Lazare, 26. Envio para correspondência sobre cada cigarro.

## PATE AGNEL

Amigdalina & Glycerina

Este excellent Cosméticos brancos e amarelos e pálidos, frescos-a do Cieiro, Irritações e Comichões formando-a aveludadas; pelo que resiste às mais sólidas e transpiraçāes das unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes, em PARIS

FÁBRICA & EXPEDIÇÕES: 16, AVENUE DE L'OPERA

Em Lisboa: Seta Casas de vendas por mundo nos bairros mais ricos de Paris.

LISBOA — MM. V. de CASTAN José da Costa e F. — r. da Rua do Caron, 60 e 78.

## Fallencia de Forças

ANEMIA — CHOROSE

## FERRO BRAVAIS

Segundo os experimentos dos mais eminentes cirurgicos tem uma ação antidiarréica e digestiva, e é de grande utilidade para os enfermos de debilidade que resulta da anemia e da sua cronicidade.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de castanha ou de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

Uma dose de 100 grs. com 30 grs. de óleo de semente de amêndoa.

## Exposição de Paris

És uma noticia curiosa da quantidade total de quilos de ferro empregado na Exposição de Paris:

	Kilos
Galeria das máquinas	12.715.613
Palácio das Indústrias	5.337.679
das belas artes e artes liberais	1.085.115
Torre Eiffel	1.171.419
Cupula central	1.072.076.99
Galerias e escadarias	788.196.1
Pavilhão do México	1.071.090
argentino	400.000
chileno	387.900
de Itália	180.000
Palácios dos produzentes alimentícios	177.358
Obras públicas e pharões	1.529.000
Theatro das Follies parisienses	143.419.7
Pavilhão do Brasil	1.142.000
Galeria da classe	1.141.114.103
Pavilhão das forças do metrorte	1.121.657.7
da América do Sul	1.121.657.7
do Brasil	1.121.657.7
Construções diversas	5.374
Vias férreas do Campo de Marte	1.010.000
Vias férreas Dourivalville	307.390
Total	274.130.004

## Os caminhos de ferro na America

Os Estados Unidos possuíam em 1880 apenas 23 milhas de caminhos de ferro em exploração; em 1890 já eram 2.818; em 1895 subiram a 9.021; em 1900 a 16.015; em 1890 a 16.015; em 1895 a 33.000 e no dia 1 de outubro de 1898 eram 60.000 milhas numero redondo, tendo sido 156.000 milhas no dia 1 de janeiro do mesmo anno.

As tarifas dos transportes e mercadorias tem sucessivamente baixado. Em 1865 na linha de leste eram de 2.900 centavos por tonelada e milha, em 1888 estavam reduzidas a 0.605 centavos. O centavo vale pouco mais de 9 réis, e a milha anda por 1.8 quilómetro. Nas de norte a tantas dezenas de 3.642 centavos a 0.934 centavos. Para a rede completa dos Estados Unidos a tarifa desceu de 1.230 centavos em 1880 a 0.977 centavos em 1888. A recente liquidação na rede total baixou bastante. Em 1884 de 2.308 dollars, e tinha desciido em 1888 a 2.045 dollars por milhas.

O capital acapado de todos estes caminhos de ferro em 1888 é de 4.438.000.000 de dollars, e o capital obrigatório de 4.024.635.023 dollars.

As linhas férreas americanas proporcionam trabalho a 1.500.000 homens, entre empregados, operários e trabalhadores permanentes.

## O cholera

O cholera continua a estender-se em toda a Persia, e domina com violência na fronteira turco-persa e na Persia central.

Os habitantes das províncias invadidas fogem para o Cáucaso, onde chegam a um grande estado de miséria. Aquelas que tem alguns recursos embarcam em Envol para um porto russo do mar Caspiano, em geral para Bakou.

Compreendese que perigos esta emigração faz correr a Europa, sob o ponto de vista da importação da doença, tanto mais que na região que deveria achar-se n'um estado rudimentar.

E seria o complemento da influenza!...

## Pobre cathedral!

Diversos jornais franceses tem anunciado que se vai estabelecer uma estação meteorológica no alto da famosa catedral de Strasburgo, sobre a plataforma da torre.

## PARIS

PARIS □ 30<sup>th</sup>, RUE MONTMOLY, 30

## GRAND HOTEL DU BRESIL ET DU PORTUGAL

No centro de Paris, perto da Ópera, das principais estações da estrada de ferro, da boulevard e das casas consulares brasileiras e portuguesas. Este hotel é dirigido pelo proprietário a sua família. E o mais concorrido a preferido pelos viajantes brasileiros e portugueses, em razão da modicidade de preços e das comodidades que oferece. □ LAPIBEXPERE.

## PARFUMERIA MEDICIS

Essencias, sabonetes, nérulos, pós, etc., OGIER, 6, Boulevard de Strasbourg, Paris.

## SUSPENSORIOS MILLERET

elásticos e sem passadeiras. Le Gonidec, 49, r. J.-J.-Rousseau, Paris.

## AS NOSSAS CAPAS

NOSSAS CAPAS  
para encadernar o 6.º anual da NOSSA  
NACIONAL EDITORIA, 42, rua da Avenida, em Portugal e Brasil.

Como nos mais anuais, A ILLUSTRAÇÃO, no fim de cada volume, põe à disposição dos srs. assinantes magnificas capas vermelhas, ESTYLO RENASCENT, com impressões a preto e a ouro. Essas revistas, estão à disposição de todos quantos as requisitem, nos escriptorios da COMPANHIA EDITORIAL, Lisboa, e nos do Sr. JOSE DE MELLO, 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro, nossos agentes generais em Portugal e Brasil.

## PREÇO DAS NOSSAS CAPAS NO PORTUGAL:

□ LISBOA.  
LISBOA, 800 réis. — PROVÍNCIAS, 870

## GUERLAIN DE PARIS

16, rue de la Paix. — ARTIGOS RECOMMENDADOS

Aguado Colonia Imperial. 100 fls. sabonete desodorante. — Creme jecobiano (Ambreol) Creme para barba. — Creme Mercurial para amaciamento. — Hidratante para tratar a pele. — Creme de cristalizado, para o cabello e barba. — Água de perfume Imperial para perfumar e limpar. — Creme de perfume Imperial. — Imperial Balsamo. — Imperial do Brasil, para o leito. — Água de Colonia Imperial Ámara. — Água de Odore e água de Vipera para o toucador. — Alcoolado de Vachement, para a boca.

## Interessante Descoberta Parisiense

## DA PARFUMERIA-ORIZA

4. L. LEGLAND, 207, Rue St-Honoré, PARIS

## PARIS-ORIZA SOLID-FIXADO

## 12 PERFUMES

## DECICIOSOS

Sob forma de Lapis  
e Pastilhas

Basta esfregar levemente os objectos para  
perfumá-los instantaneamente.

## LISTA DOS PERFUMES CONCRETOS:

VOILETTE DU CZAR. Jockey Club Bouquet

JASMIN D'ESPAGNE. OPOONAX id.

HELIOTROPE BLANC. CAROLINE id.

LILAS DE MAI. MIGNARDE id.

FOIN COUPÉ. IMPERATRIZ id.

ORIZA LYS. ORIZA-DERBY id.

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

A Tudo um Português tem direito a desconto de 10% sobre o preço das embalagens.

Remessa  
franca  
Catalogo-Bijos.

## BISMUTTO ALBUMINOSO BOUILLI

Antidiarréico, diurético, digestivo, gastralgico, colírio.

## T. JONES

23, Boulevard des Capucines, 23

PARIS

Fabricante

de Perfumaria Inglesa

EXTRA-FINA

Extratos compósitos

IMPERIAL RUSSE

EST. BOUQUET

VICTORIA

CAPRIO

CHYPRE

ESQUET

YLANG

etc.

## T. JONES

23, Boulevard des Capucines, 23

PARIS

Fabricante

de Perfumaria Inglesa

EXTRA-FINA

Extratos compósitos

SEVENTH NEW

NEW HUON HAY

STEPHANOIS

OPOONAX

VIOLETS

ALDA

W. ROSE

JUBILEX

etc.

Agua de Toilette Jones

Tonic e Refrigerante.

Elixir e Pasta Samothi

Dentífrica, antiseptico, Brumulida no dentes, Impôlo a caro e a tanta.

## GRÄOS

ALBUMINOSO BOUILLI

Antidiarréico, digestivo, gastralgico, colírio.

IMMUNIZANTE

IMMUNIZANTE